

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

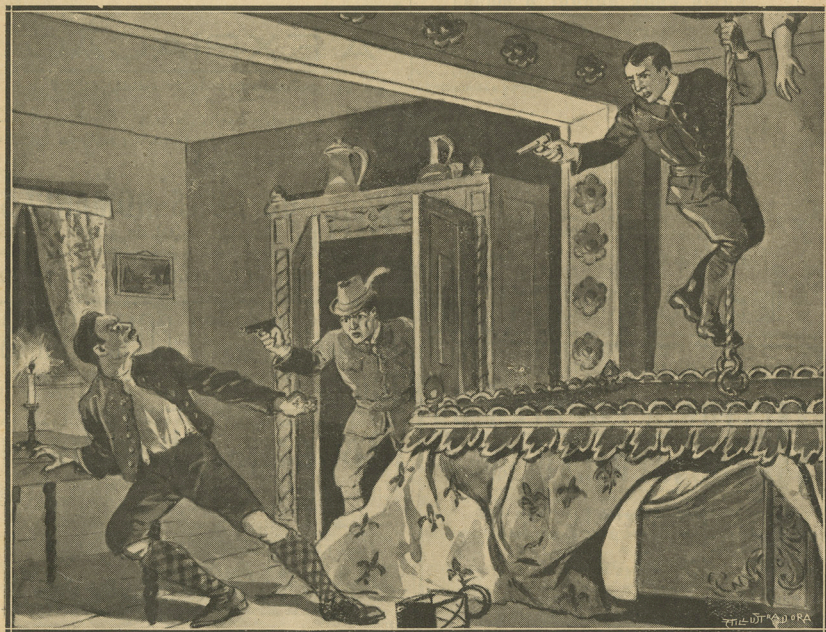
A NOVELLA POPULAR.

N.º 109



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

A ESTALAGEM DOS MORTOS



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPRADA NA EMPLUSITANA EDITORA
C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em poucas obras, de maneira a desenvolver nos menos instruídos o gosto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primeira collecção, que enerra verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a serie da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No prelo:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrellas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Inteligencia e o cerebro, por G. Matisse
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs.

CADA VOLUME BROCHADO E
=NITIDAMENTE IMPRESSO=

rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas — A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Franceza — Tempos modernos	300
No prelo:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos	300

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

==CADA VOLUME CONTEME==

== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccane*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastyne*.
Os Facas d'Oiro, por *Paulo Féval*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptu-losa attenção, comporão uma verdadeira biblio-theca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES
Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos
defendermos na rua

COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I — Ditoso Iar, por *Marcel Prévost*
II — Aphrodite, por *Pierre Louys*
III — Prima Laura, por *Marcel Prévost*

500 Rs.

Preço de cada volume
brochado

Rs. 500.

ACD

823.91

D598.99

1947

v.5 no. 109

A estalagem dos mortos

por Conan Doyle

CAPITULO I

Uma chamada urgente

Em uma tepida e amena manhã de primavera, em que as flores e as avesinhas, suas irmãs, espalhavam no espaço os seus gorgeios e perfumes, estavam o nosso conhecido policia-amador Sherlock Holmes e o seu discípulo querido Harry Taxon tomando chá no gabinete de trabalho do genial policia, dizia este ao seu ajudante:

— Não notaste, Harry, que eu ainda hoje não li um jornal, como é o meu costume invariavel, para saber o que se passa por esse mundo fora?

— Já tinha notado isso, mestre, e muito de proposito nada disse, para que a nossa primeira refeição decorresse na maior tranquillidade e sem preocupações. São tão raras as vezes que isso succede!...

Sherlock Holmes esboçou um sorriso, e quando estavam tomando a ultima chavena de chá ouviram passos no corredor, e alguém que n'esse mesmo momento se aproximava perguntou se podia entrar.

Após a resposta affirmativa, entrou no gabinete a governante, mistress Bonnet, com um telegramma na mão, entregando-o ao celebre criminalista.

Este telegramma fôra expedido de Lanarck, pe-

quena cidade ao sul da Escocia, e n'elle se pedia a Sherlock Holmes que, sem perda de tempo, ali se dirigisse. Tinha a assignatura de Claire Creswick.

Mal tinha acabado a leitura do telegramma, quando novamente bateram á porta; era um segundo telegramma cujo contheudo era o seguinte:

«Espero que o meu telegramma tenha chegado ás suas mãos; rogo-lhe encarecidamente que venha sem demora; trata-se da vida de um homem. Preciso consultar a sua opinião sobre o «caso Haile» de que terá já conhecimento pelos jornaes da manhã; dê resposta immediata, porque a espero anciosamente.

Claire Creswick

— Parece que esta joven está muito afflicta e quer a todo o custo que eu dê um passeio de Londres até á Escocia por coisas sem importancia, bagatelas certamente, disse o celebre policia a Harry.

«Não podemos porém deixar de fazer este sacrificio, visto que somos chamados com tanta urgencia.

— E' miss Claire Creswick? perguntou Harry Taxon, depois de ter lançado um golpe de vista pelos telegrammas.

«Lembro-me muito bem d'essa menina, porque, quando ha dois annos fomos á Escocia por occasião das ferias, estivemos, durante algumas horas, em agradavel conversação.

«Tenho bem presente que fomos muito obsequiados

em casa de mister Barton Creswick, o homem mais rico de Lanarck.

«Sai encantado da bonita habitação de mister Creswick.

«Que deliciosas cascatas, que extensos bosques.

«E que excellente família! É miss Claire, que joven tão encantadora! Ella tinha...

—Bem, em uma palavra, Harry, aquella joven fez vibrar as cordas mais sensíveis do teu coração, replicou o policia sorrindo para o mancoço.

«Final o que temos a fazer é responder já ao telegramma, e por conseguinte vae já expedir um despacho á estação telegraphica.

«Diz a miss Claire que hoje mesmo partiremos no primeiro comboio, e que esta noite ainda chegaremos a Lanarck...

«Tens alguma objecção a fazer?

Harry não respondeu; procurou o chapéu e dirigiu-se apressadamente á estação telegraphica.

Entretanto agarrou Sherlock Holmes em um jornal que estava sobre a mesa e começou a ler a secção das correspondencias das provincias para se informar do «caso Haile».

Na secção da Escocia, dizia o correspondente de Lanarck:

«A nossa cidade encontra-se extremamente emocionada.

«Na terça feira ultima foram visitar uma familia do seu conhecimento e das mais distinctas da cidade lord Victor Haile e sua esposa lady Sablea formosissima joven de dezoito encantadoras primaveras, acompanhados de sir Percy Haile, irmão de lord Victor.

«Apesar do mau dia que fazia, obstinaram-se em sair de Lanarck já bastante tarde para ir a Cumnok montados em fogosos cavallos a fim de fazerem algumas compras.

«Lord Victor e sua formosa esposa não regressaram á cidade; apenas sir Percy Haile chegou hontem de tarde, montado no seu cavallo, e trazendo pela redea os de seu irmão e cunhada.

«Affirmou o irmão de lord Victor, no meio da maior commoção, que os dois esposos se tinham recolhido em uma casa deshabitada no bosque, não muito afastada da estrada de New-Larnak, proximo de um barranco, seguindo elle a caminho da cidade de Cumnok, e que no regresso não encontrou os dois esposos, tendo apenas encontrado os cavallos bastante longe do sitio onde tinha deixado seu irmão na noite anterior.

«Que tinha indagado em todas as povoações circumvizinhas dando os signaes de ambos, mas que em toda a parte lhe responderam que não tinham visto essas duas pessoas.

«Muitas pessoas d'esta cidade e das povoações proximas procederam a minuciosas pesquisas em todo

o bosque e no barranco sem poderem descobrir a mais pequena pista dos dois esposos.

«Presume-se aqui que se trata de um crime; diz-se que talvez fôsses assassinados no campo e os seus corpos arrojados em algum fundo precipicio.

«Logo que chegou sir Percy Haile e se ouviu a sua narração, foi considerado suspeito de ser o autor do crime, sendo immediatamente encarcerado.

«Nós, abstendo-nos de fazer comentarios, e seguindo a linha de imparcialidade com que sempre procedemos, apenas diremos que as suspeitas que sobre elle se avolumam parecem ter algum fundamento.

«Diz-se, em primeiro logar que as suas declarações são inverosímeis, não merecendo por isso credito; em segundo logar que a morte dos dois esposos o habilita a entrar na posse das immensas riquezas de seu pae.

«Depois da sua captura, accrescenta-se ainda em abono d'estas razões, a declaração que elle faz em uma carta dirigida á sua noiva, de que poderá cingir-lhe a fronte com uma corôa».

—Bem, já comprehendo tudo, disse Sherlock Holmes ao terminar a leitura do artigo, collocando o jornal sobre a mesa.

«Trata-se verdadeiramente de auxiliar a realisação de um casamento...

«Miss Claire pede o meu auxilio para conseguir a liberdade de sir Percy e livra-o da critica situação em que se encontra.

«A familia nobre, de que o jornal falla sem especialisar, é certamente a de miss Claire.

«Tanto esta como o seu noivo estão anciosos por casar o mais breve possivel: são dois desgraçados a quem querem roubar a felicidade.

«Este caso de Haile desperta-me o maior interesse, por conseguinte vou encarregar-me d'elle.

«Além d'isso, não será para mim e para Harry conveniente respirar algumas semanas o ar puro das campinas, já que somos constantemente envenenados na capital pelo pó das ruas e o fumo das chaminés?...

«Espero que na Escocia poderemos obter os pormenores necessarios para resolver o problema, aproveitando ao mesmo tempo a oportunidade para passar alguns momentos de conversação com alguns amigos que ali tenho e que ha muito tempo não vejo.

Poucos minutos depois d'este soliloquio regressava Harry Taxon.

Quando o grande criminalista o viu, disse-lhe:

—Vamos já preparar-nos, Harry, para tomarmos o comboio; dentro de uma hora devemos estar na estação para irmos a Lanarck.

CAPITULO II

Declaração importante

Eram dez horas da noite d'esse mesmo dia, quando o comboio de Londres chegava à estação da pequena cidade de Lanarck.

Sherlock Holmes e Harry Taxon pertenciam ao numero dos poucos passageiros que se apeavam.

Apenas tinham descido da carruagem e collocado na gare as suas malas, acerrou-se d'elles um cavalheiro já de idade, elegantemente vestido, que ha muito tempo os aguardava com impaciencia.

Cumprimentou os dois policias mostrando o mais sincero affecto com estas palavras, ao mesmo tempo que lhes dava um forte aperto de mão:

—Sejam bem vindos, meus queridos amigos! Agradeço-lhes muitissimo a sua pontualidade; e é para mim duplo motivo de alegria, senhor Holmes, fazer-se acompanhar seu pelo intelligente ajudante e meu amigo Harry Taxon.

«As circumstancias excepcionaes em que chegam a esta cidade, não são infelizmente as mais proprias para recebel os em minha casa, como era meu desejo.

«Minha esposa está doente ha bastante tempo e minha filha Claire, em consequencia dos factos que ultimamente se deram, está tão nervosa que se encontra tambem bastante doente.

«Tel-os hia recebido em minha casa com o maior prazer, mas comprehendem a desgraçada situação em que me encontro.

«E' este o motivo porque, apesar dos meus mais ardentes desejos, me vi na necessidade de ter que hospedar-os em um hotel, onde estarão com todas as commodidades que desejarem.

—Meu caro amigo, respondeu Sherlock Holmes, são desnecessarias as desculpas que me apresenta, pois somos velhos amigos.

«Quando as senhoras estejam melhores, e possam receber, irei apresentar-lhes os meus respeitos.

«O que agora convem é que as nossas entrevistas relativamente ao assumpto que aqui me traz, sejam no hotel, e sob a maior reserva.

Em seguida dirigiram-se os tres para o hotel, que era proximo da estação, e o mais luxuoso e confortavel da cidade.

Mister Creswick tinha escolhido para os seus amigos os mais elegantes quartos do primeiro andar, recommendando que tivessem preparada uma excellente ceia, e os melhores vinhos para quando elles chegassem.

Logo que os dois policias começaram a sua refeição, disse sorrindo mister Creswick:

—Terão neste hotel uma abundante e delicada mesa, como se estivessem em minha casa, o que me foi garantido pelo dono do estabelecimento, em cuja seriedade posso confiar.

«Abordando porem o motivo porque aqui se encontra, senhor Holmes, permita-me que lhe faça já uma communicação importante a respeito do caso Haile.

—Escuta-o-hei com muito prazer, replicou Sherlock Holmes levantando o seu copo e tocando com elle o de mister Creswick.

«Os detalhes mais insignificantes tem muitas vezes a mais alta importancia.

«Primeiro que tudo, vou fazer-lhe uma pergunta: está absolutamente convencido da innocencia de sir Percy Haile?

—A esse respeito não tenho a menor duvida, replicou o velho fidalgo; quem o não conhecer tão bem como eu, poderá ter duvidas sobre a sua innocencia; mas eu, que desde muitos annos conheço intimamente sir Percy e seu irmão, e sei que a nobreza dos seus sentimentos iguala a nobreza da linguagem, não posso deixar de o considerar como uma victima de infames combinações para o perderem.

«Repito, estou intimamente convencido da sua innocencia, pois o considero incapaz de praticar um crime tão infame.

«As relações entre os dois irmãos eram as mais cordeas que se podiam imaginar.

«A infamia que lhe attribuem de elle estar apaixonado da formosa esposa de seu irmão, e desejar apoderar-se da enorme riqueza dos dois, considero-a destituida de todo o fundamento.

«Se é certo que Victor, como irmão mais velho, herdou toda a fortuna do pae, não é menos certo que dava a seu irmão Percy tudo o que precisava; sem que este tivesse de alistar-se como official do exercito da India.

«Se Percy desejava ir para a India, era porque a isso o impellia a sua vocação e a legitima ambição de alcançar honrarias que accrescentasse ao seu nome já illustre—disse mister Creswick accentuando bem as palavras.

«Além d'isso queria adquirir um patrimonio digno da mulher a quem amava; e estou certo que as suas promessas e ambições se realisariam.

Levou o copo á bocca tomando alguns goles de vinho, e saltando um longo suspiro dirigiu um demorado olhar para a mesa.

—E em que se funda para afirmar que elle cumpria os seus juramentos? perguntou o genial criminalista.

—Baseio-me, disse mister Creswick, nas ultimas

investigações que, tanto eu como minha filha temos feito a respeito do caso por causa do qual lhe pedimos que aqui viesse.

«Ellas nos acabaram de convencer de que Percy é um homem honrado, incapaz de commetter os vis assassinatos de seu irmão e cunhada.

— Se é um homem honrado é realmente para estranhar que tivessem tanta pressa de o prender, objectou Sherlock Holmes.

— Sim, é, replicou mister Creswick contristado; ninguém teria suspeitado d'elle, se não fôsse uma carta, uma desgraçada carta que escreveu a minha filha. Essa carta é o corpo de delicto.

«Quando na terça feira á noite veio a minha casa acompanhado do irmão e da cunhada, havia já bastante tempo que fazia a corte a minha filha.

«Ao retirar-se entregou uma carta a Claire, na qual se despedia d'ella talvez para sempre.

— O que continha mais essa carta? perguntou Holmes.

— Vou dizer-l'ho, respondeu o velho fidalgo; e tirando um papel do bolso, copia do original, começou a ler:

«Para não amargar o teu sensível coração, minha querida, quiz occultar-te até hoje, uma resolução que tinha tomado ha muito tempo.

«Depois de varias tentativas que tenho feito jogando na Bolsa com o dinheiro que meu irmão Victor me deu, vi frustrados todos os meus esforços para me enriquecer.

«Quería offerecer-te a minha riqueza juntamente com o meu coração.

«Vendo porem que o jogo da Bolsa não satisfazia as minhas aspirações, resolvi marchar para a India para não me ver na dura necessidade de mendigar o dinheiro de meu querido irmão, que tão bom e generoso tem sido para mim.

«Só ficarei pouco tempo em Lanark; o indispensavel para visitar meu irmão e minha cunhada, pois quero partir immediatamente para Edimburgo e embarcar no navio que deve conduzir-me á India.

«Seria um homem deprezivel, se depois de te haver declarado o meu amor e estando já tão adeantadas as nossas relações, não casasse contigo para irs na minha companhia para a India; mas seria grande loucura, minha bem amada, obrigar-te a um tal sacrificio, pois não poderíamos gozar a verdadeira felicidade e todas as commodidades, sendo tu a esposa de um pobre official sem outros recursos senão o soldo que o governo lhe dá.

«Era meu ardente desejo ir para a India na tua companhia, mas n'uma situação verdadeiramente independente; e emquanto tu disfrutavas todas as commodidades da vida, eu crearia um pedestal de gloria

por qualquer acto heroico, e obteria um titulo nobliar-chico em recompensa dos meus serviços.

«Levando te commigo, agora que sou pobre, augmentaria mais os meus tormentos.

«Espera pois o meu regresso, não desanimes nem fraquezes; pois se não morrer, voltarei rico de honras e dinheiro, que mais augmentado será ainda com o de meu irmão.

«Então tornar-se-hão em realidade as esperanças que acalentares, e seremos verdadeiramente felizes com o nosso desejado casamento».

— Com effeito, replicou o genial criminalista quando acabou a leitura da carta, pode muito bem ser que esta carta, em virtude de algumas phrases que contem, fôsse a causa da prisão de sir Percy.

«Porque motivo diria elle na carta que a sua riqueza augmentaria com a de seu irmão, quando isto nada vinha a proposito?

«De modo nenhum quero offender a dignidade e honradez de Percy; mas a minha duvida é suggerida pelo conteúdo da sua carta.

«Ou foi de uma ingenuidade imperdoavel, ou tinha um pensamento reservado...

— Não, meu amigo, acrescentou o ancião, as suas observações não tem valor algum. Só uma engenhosa subtiliza pode architectar uma accusação contra Percy baseada n'uma prova tão fallivel.

«E' esta sem duvida a prova que apresentou ao juiz mister John Myatt, ainda que o principal motivo que o impelliu a apresentar esta prova é muito differente da do sr. Holmes. Myatt foi impulsionado pelos ciumes.

«Porque, sr. Holmes, é conveniente que saiba, que esse mister Myatt é um antigo requestador de minha filha, e apesar de saber que ella não correspondia aos seus galanteios, não deixava de frequentar a minha casa.

«Por desgraça nossa, no dia seguinte áquelle em que se soube do desaparecimento de lord Victor e de sua esposa, Myatt veio a nossa casa, e na sala de visitas encontrou a carta, cuja copia acabo de ler-lhe, e que tinha caído do bolso de minha filha; então impellido pelos ciumes, apanhou-a e entregou-a ao juiz.

«Este, que se chama mister Denfon, é um homem muito digno, mas muito pouco intelligente, e por conseguinte de limitada perspicacia.

«Por esse motivo agarra-se á primeira ideia que se lhe apresenta ao espirito, o que tem occasionado alguns erros de justiça.

«Sugestionado agora pelo ciumento Myatt quer obter uma prova evidente da completa innocencia do pobre Percy para lhe passar um mandado de soltura.

«Receio bastante que demorará ainda muito tempo em recuperar a sua liberdade, porque é muito difficil provar d'este modo a sua innocencia.

—Se realmente sir Percy está innocente, replicou o genial policia, não será tão difficil, como suppõe, alcançar uma prova evidente da innocencia do seu futuro genro, e portanto, poderá sair da prisão.

«Rogo-lhe, pois, que me communique as outras informações que quieria dar-me.

—Só me falta apresentar-lhe uma das minhas creadas, que alguma coisa sabe d'este assumpto, mas que desgrazadamente não pode agora dizer nada, pois tem um medo horrivel de fazer declarações.

«Tem um extraordinario receio de ser chamada a depôr perante os tribunaes.

«Quando suspeita que a chamam para ser interrogada, fecha-se á chave no quarto, dizendo palavras incoherentes a respeito da desaparição dos dois esposos, como se estivesse louca.

«Mary Bell, assim se chama a creada, affirmou que na terça feira á noite, pouco antes de rebentar a tempestade no bosque entre a nossa cidade e Nova Lanarck, tinha conversado com lord e lady Haile.

«Regressava da povoação d'onde é natural, onde tinha ido passar alguns dias, a fim de visitar um tio que está doente.

«Declarou mais que não tinha visto Percy quando fallou aos dois esposos no bosque; e isto concorda com o que declarou Percy, quando disse que os tinha deixado para se dirigir á cidade de Cumnok.

—Essa asserção é um ponto de apoio importantissimo para o nosso assumpto, disse o policia um pouco mais animado.

—A sua creada Mary acompanhou durante algum tempo o lord e sua esposa? não tinha receio da tempestade?

—Não, senhor, respondeu o ancião.

«E' verdade que chegou um pouco tarde a casa, passava já da meia noite, e isto contra o seu costume mas julgo que a demora foi devida a sair já tarde da povoação onde reside o noivo; e já se sabe que os namorados nunca tem pressa de se despedirem. Quantas mais vezes se despedem, mais tem que dizer um ao outro.

—E em Nova Lanarck não se soube nada do que occorreu? inquiriu Sherlock Holmes.

—Eu mesmo fui a essa povoação e fiz indagações no hotel, respondeu o ancião; porem ninguem ali tinha visto o lord e sua esposa.

«Este caso de lord Victor é muito semelhante ao que succedeu ha alguns annos, em que dois recém-casados de distincta estirpe vieram passar a lua de mel nas montanhas da Escocia.

«Tambem desapareceram mysteriosamente sem que até hoje se tenha sabido noticia d'elles.

—Esse facto faz-me recordar um outro que li na imprensa de Londres, disse o genial policia.

«Ha um anno, um fabricante muito intelligente e

activo, que tinha uma fabrica de lanifícios proximo da capital, foi a Nova Lanarck montar uma outra fabrica.

«Todos souberam que elle tinha chegado a Lanarck, mas depois nunca, mais se ouviu fallar n'elle.

«Seria muito conveniente fazer amanhã uma excursão a esse ponto e reconhecer muito bem todos os arredores da cidade.

«Creio que Mary Bell me prestaria um serviço importante acompanhando-me n'essas investigações, visto que conhece bem a povoação e seus arredores, por ser natural d'ali.

«Alem d'isso, as suas relações, que devem ser muitas, ser-me-hiam de muita utilidade.

«Mas procederei com ella empregando a maior dissimulação a fim de a não assustar.

—Muito bem, senhor Holmes, disse o ancião, amanhã estará a minha creada ás suas ordens.

«Dar-lhe-hei licença para ir á povoação visitar uma tia viuva, que ali reside, e assim poderá interrogala segundo os seus desejos.

—Aceito gostosamente o seu offerecimento, retorquiu Sherlock Holmes muito satisfeito.

«Quando a sua creada sair de casa, entregue-lhe uma carta para mim.

«Sendo possivel, desejava pôr-me a caminho logo de manhã.

—Mandar-lh-a hei pelas onze horas, disse mister Creswick.

—Perfeitamente, respondeu o policia, convem-me essa hora; pois terei tempo de ir fallar com o chefe da policia de Lanarck e informar-me d'algumas pessoas mais importantes d'essa terra do que possa dizer respeito ao caso Haile.

«Entre tantas pessoas alguma coisa poderei saber que me habilite a encontrar uma pista.

«Tambem não deixarei de visitar o juiz.

—Não falte a essa visita, porque mister Denfon espera-o com impaciencia.

«Poderei vir ao hotel saber qualquer noticia importante que possa dizer-me?

—Não se incomode, respondeu Sherlock Holmes, logo que eu tenha qualquer dado importante e alguma pista segura, apressar-me-hei a participarlho.

—Demorará muito saber-se alguma coisa? perguntou o ancião com impaciencia.

—Espero que não, replicou o policia, porem estas coisas são de tal natureza, que nada se pode affirmar.

«Pela nossa parte não teremos descanso, para que o mais cedo possivel as nossas pesquisas tenham um resultado satisfatorio.

«Fallo-lhe com toda a franqueza, sem todavia nada affirmar de positivo por enquanto.

—Recommendo-lhe encarecidamente este assumpto, acrescentou mister Creswick, levantando-se da mesa.

«Não quero tomar-lhes mais tempo, pois que, depois de doze horas de viagem, devem estar fatigados e precisam repousar.

«Apresento-lhes pois as minhas despedidas, e dezoito-lhes uma boa noite.

E apertando a mão dos dois polícias saiu da sala.

CAPITULO III

Os primeiros indícios do crime

Durante as visitas que na manhã do dia seguinte Sherlock Holmes fez ao juiz e a outras pessoas consideradas, nada averigou de importante sobre o caso Haile, que não soubesse já.

A única coisa de interesse que ponde apurar, foi que não havia entre essas pessoas verdadeira cordialidade, e que estavam desgostosas com a família Creswick por ter chamado a Lanarck o grande policia para se encarregar do caso Haile.

Sherlock Holmes breve se convenceu que elle e o seu amigo Harry se encontrariam completamente isolados nos seus trabalhos e que não só não poderiam esperar auxilio da policia, mas que esta o estorvaria nos seus trabalhos.

Na visita que Sherlock Holmes fizera ao chefe da policia, este tratara-o com tanta altivez como se o grande criminalista fôsse um agente de policia sob as suas ordens.

Às onze horas, vieram dizer com grande surpresa ao genial policia e ao seu companheiro que Mary Bell lhes desejava fallar.

Sherlock Holmes mostrou-se satisfeito.

Apenas a formosa joven entrou no corredor, notaram-lhe quem, que tinha saído ao seu encontro lhe dirigia a palavra.

—Formosa Mary! disse-lhe uma voz de homem que outro não era senão o creado do hotel, chamado Tim, de novo mostras por aqui o teu formoso rosto?

«Desconho que vens á procura do teu Johni... Permite-me que te diga duas coisas ao ouvido.

«Porque és tão esquiua para mim, quando para o outro?...

«Só tens olhos para o filho do hospedeiro da «Estalagem dos mortos»!

—Affasta-te d'aqui e não te atraveses no meu

caminho, replicou a joven, fazendo o gesto de dar um sopapo no importuno apaixonado. Trata da tua vida e não te importes com a minha; deixa-me em paz...

«Não estão aqui, no primeiro andar dois cavalheiros que vieram de Londres?

—Estão sim, luz dos meus olhos, replicou o creado; segue por esse corredor fóra, os seus quartos são, os da penultima porta, á direita.

—Adens, importuno, disse Mary deitando a correr.

Em seguida baten a uma porta dos quartos occupados por Sherlock Holmes.

Apenas esta se abriu Mary mostrou-se confusa e ruborisada.

Com uma cerimoniosa inclinação de cabeça entregou ao policia a carta de mister Creswick aceitando-a Sherlock Holmes da mesma maneira.

N'esta carta apenas lhe dizia, depois dos cumprimentos do costume, que Mary não podia ir ao sen povoad antes das seis horas da tarde.

—Agradeço-lhe ter-me trazido esta carta, minha linda menina, disse o policia sorrindo para Bell e mettendo-lhe uma moeda de ouro na mão.

«Vae sair agora da cidade?

—Sim, senhor, respondeu a creada mostrando grande alegria.

«Vou á minha terra, Nova Lanarck, que dista d'aqui algumas horas.

—Não ha nos arredores da sua terra uma cascata? perguntou o policia.

—Sim, senhor, e é muito bonita.

—E a sua terra é muito visitada por forasteiros.

—Sim, senhor; principalmente estes ultimos annos.

—Ha lá uma boa hospedaria, onde se possam passar com commodidade algumas noites?

—Creio que sim, respondeu a formosa joven.

«A hospedaria do «Cisne dourado» tem quasi sempre occupados todos os quartos, o que dá uma boa ideia do estabelecimento.

—E que fazem os hospedes que chegam demasido tarde para encontrar quarto? tem de dormir ao relento? perguntou intencionalmente o policia.

—Não, senhor, não tem necessidade d'isso, respondeu rindo Bell.

—Ha então outra casa de hospedes?

«Será acaso aquella a que chamam «Estalagem dos mortos» conforme lhe chamou o creado referindo-se ao filho do hospedeiro?

A formosa joven tornou-se de mil cores.

Para tranquilisal-a, o policia acrescentou em tom acariador:

«Eu não ligo importancia ao que disse o mancoço; o que apenas deduzo d'isso é que a menina tem relações de amizade com elle ou já as teve em Nova Lanarck.

«E' boa a hospedaria? Está mesmo dentro da povoação?»

—Não, senhor; está fora de portas, proximo do cemiterio, motivo porque lhe chamam «Estalagem dos mortos».

«E' pouco procurada, ainda que tenha as mesmas commodidades que o «Cisne dourado».

«Os preços é que são medos economicos, porque tem mais annos de existencia.

—Esse joven que lhe fallou é um bom rapaz, não é verdade, miss Bell? disse Sherlock Holmes quando a creada começou a tranquilisar-se um pouco mais.

«Creio que não se offenderá se lhe fizer mais algumas perguntas.

«Ora diga-me: A menina indicou, por acaso, a lord e lady Haile, que na terça feira estiveram em casa de seu amo, o caminho que conduzia á sua povoação e talvez aquelle que ia dar á «Estalagem dos mortos?»

—Parece-me que o caminho que elles poderiam tomar não podia conduzi-los á «Estalagem dos mortos», respondeu a rapariga.

—Que ideia fez des dous esposos quando visitaram seu amo, no proprio dia da desgraça? mostraram-se amaveis e sympathicos? perguntou o policia.

—Eu só posso dizer-lhe que senti muito o seu desaparecimento e a desgraça que lhes succedeu, disse contristada Mary Bell.

—Não suspeita onde poderão encontrar-se? perguntou o policia, porque mister Creswick disse-nos que depois d'aquelle dia a menina foi uma vez á Nova Lanark... que ouviu dizer na sua terra sobre este acontecimento?

—Muito pouco, na verdade, todos fallavam da mysteriosa desapareção, mas sem que ninguém dissesse nada de positivo, respondeu a joven.

—Ha quanto tempo está a menina aqui em Lanark?

—Ha apenas um anno.

—Assim, talvez conhecesse um forasteiro um tanto nutrido que haverá um anno, por este mesmo tempo, passou umas semanas em Nova Lanark, com uma grande corrente de ouro presa ao relógio e com muitos anneis com pedras preciosas nos dedos.

«Esse cavalheiro não esteve hospedado na «Estalagem dos mortos?»

O rosto da linda rapariga ruborizou-se, e parecia tomada á uma grande commoção.

—Como soube o senhor que eu servi n'essa casa de hospedes? perguntou ella com uma mistura de angustia, receio e admiração.

—Não é preciso ter grande perspicacia para chegar a esta conjectura, respondeu Sherlock Holmes.

«A sympathia que lhe mostrou e as palavras que lhe dirigiu o creado com respeito ao filho do dono da

«Estalagem dos mortos», suggeriram-me este pensamento.

«Eu não sei porque a menina se afflige, pois não ha nenhum mal em ter servido aquella casa.

«O cavalheiro de quem acabo de fallar enviou-me ha tempo um postal da «Estalagem dos mortos».

«Dizia-me que estava muito satisfeito e eu pensava que a menina poderia dizer-me alguma coisa a seu respeito.

—Sim, senhor, respondeu Bell, depois de ter estado por uns momentos com a vista fixa no sobrado algum tanto distraida; recordo-me de ter visto esse senhor cujos signaes me dá, na «Estalagem dos mortos»; tenho uma vaga ideia, como se o tivesse visto de passagem...

«No dia em que esse forasteiro se hospedou na «Estalagem dos mortos» tive o primeiro encontro com Wilson, a governante, doque resultou sair dias depois do serviço.

—Qual foi o motivo d'esse encontro? perguntou o policia. Eram ciumes que as duas tinham por causa do mancebo com quem ha pouco esteve fallando?

—O senhor é muito indiscreto nas suas perguntas, disse a joven ruborizando-se e um pouco irada; pergunta mais que um policia.

—Desde quando os policias tem o prazer de fallar com uma joven tão innocente e amavel como a menina? disse rindo Sherlock Holmes.

«Se eu sou indiscreto, é porque aprendi com aquelle mancebo que lhe fallou no corredor.

«Mas não faça caso d'estas coisas... desculpe...

«Espero que não se offenda e se reconciliará comigo.

E dizendo isto poz uma nova moeda na mão da rapariga.

Esta, que, emquanto o genial policia lhe esteve fallando, o olhava com angustia, não se atreveu a levantar os olhos quando sentia os do seu interlocutor fixos n'ella, começou a serenar um pouco.

Ao dizer-lhe Sherlock Holmes que podia retirar-se, pois tinha acabado a conversa, mostrou grande alegria, como se se visse livre de um grande tormento; fez uma graciosa inclinação ao genial policia e guardou a moeda que este lhe dera, dizendo muito risonha:

—Agradecida, senhor.

E saiu immediatamente da sala.

—Que me dizes, Harry? disse Sherlock Holmes ao seu ajudante logo que a rapariga se fustou.

«Não te parece que estamos na primeira pista do crime?»

«Não notaste a grande perturbação que transparecia no rosto da rapariga quando lhe perguntei pelo fabricante Douglas que desapareceram o verão passado de uma maneira tão mysteriosa?»

—E' verdade, mestre, disse Harry Taxon.

«Pareceu-me muito contrariada, quando o senhor lhe disse que ella tinha estado como creada na suspeita «Estalagem dos mortos.»

«Julgo que a rapariga está n'uma constante inquietação ao pensar que pode ser chamada pela policia.

—Tens razão, Harry, accrescentou o genial policia.

«Já mister Creswick nos disse o medo que ella tinha de ser chamada pela policia; e este será o motivo porque ella se calou tão abstinadamente a respeito do seu encontro com lord e lady Haile no bosque.

«Emquanto a mim, estou intimamente convencido que a rapariga sabe qualquer coisa de extraordinario e criminoso que se deu na «Estalagem dos mortos», crime a que não é alheio o creado que esteve fallando com ella.

«Não seria para admirar que conhecesse algum facto relacionado com o caso de mister Duglas.

Momentos depois chegava Sherlock Holmes á janella do quarto, da qual podia ver muito bem a praça mais importante de Lanarck.

Passados alguns minutos descia ao jardim do hotel, sendo seguido pelo seu ajudante.

—Repara, Harry exclamou o genial policia, a rapariga parece ir muito apressada pela rua.

«Reconheces aquelle homem que está á esquina?

«Parece que está fallando; occulta-se no portal da casa, como se quizesse esconder-se á vista de Bell... Isto sim, que tem interesse e me prende a attenção!... Agora muda completamente de maneiras...

«Lá se approxima da joven... E' melhor que tu, Harry, os sigas.

«Não devemos perder de vista Bell, espero muito d'essa rapariga.

Immediatamente Harry pegou no chapéu e na bengala, vendo-o Sherlock Holmes em poucos minutos desaparecer por detraz de Bell e do criado do hotel.

Uma hora depois estava Harry de volta.

Apenas ficou só com o policia disse-lhe:

—Bell foi directamente para casa de mister Creswick; o homem que estava fallando bom ella, perdi-o de vista.

«Tenho estado a vigiar nas proximidades da casa para ver se via sair Bell, mas estou convencido que não sairá.

—Até ás seis horas da tarde não é provavel que o faça, replicou Shorlock Holmes, segundo o que me escreveu mister Creswick; a essa hora partirá para a sua terra.

«O que mais nos conviria era que fossemos para aquelle pequeno restaurante que está proximo da casa de mister Creswick.

«D'esta maneira podemos informar-nos e revistar o estabelecimento; mas primeiramente devemos apparecer ali como os que costumam frequentar o restaurante para não despertar suspeitas.

«Como já tinha previsto que seria preciso disfarçar-nos de montanhezes da Escocia, tenho nas malas os vestidos de que carecemos.

«Vamos pois disfarçar-nos o melhor que pudermos.

Harry Taxon abriu uma das malas tirando os respectivos fatos e disfarces necessarios, fazendo o grande criminalista a mesma coisa.

Em menos de meia hora ficaram completamente transformados em tão authenticos montanhezes, que ninguem descobiria n'elles os cidadãos de Londres.

Sherlock Holmes pôz-se á espreita, e quando viu que podiam sair do hotel sem serem notados, fello na companhia de Harry, dirigindo-se para o pequeno restaurante proximo da casa de mister Creswick.

Durante o caminho disse Sherlock Holmes a Harry Taxon que procurasse sempre evitar qualquer conversação mais demorada fôsse com quem fôsse, pois não conhecia bem o dialecto da terra, e isso poderia dar occasião a suspeitarem do seu disfarce.

Dado o caso que tivessem de fallar com alguém, elle mesmo o faria, pois fallava perfeitamente o dialecto dos montanhezes da Escocia, e conhecia tanto a fundo a sua maneira de ver as coisas, que não tinha o menor receio de ser descoberto.

Tendo entrado no pequeno restaurante foram saudados por todos os que ali se encontravam com a familiaridade e franqueza proprias dos habitantes das montanhas.

Sherlock Holmes disse chamar-se Mac Kintosh do condado de Ynverness na alta montanha.

No fim de ver se havia alguma mesa desocupada, sentaram-se os nossos dois policiaes a uma d'ellas pedindo de comer.

O ruido era tão ensurdecedor que difficilmente Sherlock Holmes e Harry Taxon podiam fazer-se ouvir.

Não eram dos que menos barulho faziam tres homens que se achavam a um canto da casa.

Pareceu ao genial policia que os conhecia.

Os dois de mais idade já os tinha visto em Londres; o terceiro era o manco que elle já tinha visto da janella do hotel, proximo de uma esquina da rua.

Parecia que os tres sustentavam uma conversação muito interessante, pois, ainda que baixassem de quando emquando a voz, davam repetidos murros na mesa seguidos e precedidos de palavras violentas e blasphemias.

Sherlock Holmes não os perdia de vista, ainda que fingia estar lendo o jornal, emquanto comia.

Harry Taxon levantava de vez em vez o olhar para o seu mestre.

De repente Harry notou que Sherlock Holmes se ria; o motivo foi ver que os tres homens se levantavam dispondo-se a sair do restaurante.

—Harry, disse o policia tapando a cara com o jornal e dirigindo-se ao seu companheiro, sabes quem são aquellos dois de mais idade que se levantaram da mesa?

«São dois dos ladrões mais perigosos de Londres, e já tive alguns encontros com elles.

«Teem o antro no bairro dos judeus, nas margens do Tamisa.

«Por causa dos seus continuos roubos teem alarmado a nossa cidade.

«Parece que estão a tratar de um negocio grave, proprio da sua profissão.

«Creio que não nos reconheceram.

«Aquelle mancebo que está com elles é o que tu seguiste e que esteve fallando algum tempo com Bell.

Os dois ladrões de Londres começaram a andar despedindo-se do montanhez, a quem um d'elles disse em voz baixa:

—Até á noite, Wilson; seremos pontuaes. . . Tens agora algum dinheiro por conta, logo te pagaremos o resto.

Pelo movimento dos labios conheceram Sherlock Holmes o que o bandido estava dizendo. Os tres despediram-se em seguida, e saíram para a rua, separando-se.

O policia e Harry Taxon approximaram-se então da janella que dava para a praça como se olhassem para os que n'ella passavam, mas na realidade para seguir com a vista o creado da hospedaria de Nova Lanarck.

Este dirigiu-se immediatamente para casa de mister Creswick em attitudo de quem espera por alguém. Da janella e auxiliados pela luz do sol puderam os dois policiaes conhece-lo muito bem: era um homem robusto, a phisionomia e o olhar donotavam firmeza, energia e intelligencia; parecia ter uns trinta annos.

Quando deram as seis horas na torre da egreja, entrou de novo no hotel, pagou a sua conta e voltou a sair apressadamente.

Quasi no mesmo momento e sem que elle desse por isso, saiu a formosa Bell de casa de mister Creswick, seguindo a alguma distancia os passos do seu patricio, sem que elle olhasse para traz.

—E' tempo de nos pormos a caminho, disse o grande policia a Harry Taxon.

«Espero que, se os seguirmos com cuidado, obteremos hoje dados importantes para desvender o caso de Haile.

«Não me admiraria que o dinheiro de que dispõe esse rapaz esteja manchado de sangue. . .

Sherlock Holmes pagou a sua conta, apresentando-lhe o hospedeiro as mais cordeaes attensões com o fim de atrahir a sua casa mais alguma vez tão importantes hospedes.

Por fim conseguiram os dois policiaes sair para a rua.

CAPITULO IV

Em casa do feiticeiro

—Isto desperta-me grande interesse, disse o genial policia.

«Não convem de maneira nenhuma perder de vista a joven e o rapaz.

«E' certo que parecem que estão enamorados um do outro, mas entre os apaixonados dão-se por vezes muitas coisas que um policia deve ter presente.

«Dirigem-se para fóra de portas, para o bosque que está entre Lanarck e o proximo povo, pois acabam de dobrar o caminho que a elle conduz.

«Pois muito bem, seguiremos o mesmo caminho, mas atravessaremos por entre as arvores, para que elles não vejam.

Apenas os dois policiaes tinham passado a ultirna casa da cidade, internaram-se no proximo arvored, tão espesso, que o terreno nunca era illuminado directamente pelos raios solares.

Quando havia já um bom bocado que ali estavam, começou a soprar rijamente o vento, o horizonte a cobrir-se de nuvens negras, predecessoras de chuva, a obscuridade ia-se accentuando cada vez mais.

—Parece que vae haver uma tempestade egual á de terça feira.

«Ainda que fiquemos encharcados de agua, não nos prejudicará a escuridão, porque se é favoravel para os criminosos, favorece egualmente os policiaes.

E apressaram o passo encobrimdo-se com as arvores para não serem vistos pelos seus perseguidos.

Bell e o mancebo, que tinham chegado ao fim do arvored, deixaram os diversos caminhos que ali se dividiam e dirigiram-se por um atalho que conduziria ao barranco.

Apenas os dois jovens desapareceram n'este, Sherlock Holmes e Harry, que tinham estado á espreita para verem aonde elles se dirigiam, apertaram o passo para os não perderem de vista.

Um quarto de hora depois, o policia e o seu companheiro alcançavam tambem o barranco, chegando no proprio momento em que Bell batia á porta de uma casa de má apparencia e parecia deshabitada.

O rapaz tinha-se afastado da porta e collocado a alguma distancia.

D'ali podia observar o tres lados da casa.

Sherlock Holmes e Harry Taxon fizeram então um pequeno rodeio por detraz das arvores que a circumdavam, para collocar-se na parte superior da casa sem serem observados.

Entretanto abria-se a porta da casa e a ella apparecia um velho de barba branca e comprida; o seu aspecto era grave e austero.

—E' o bruxo, o feiteiceiro de que hontem nos falou mister Creswick, disse ao ouvido do policia o seu ajudante Harry.

«Talvez a rapariga procure o velho para que lhe inspire amor por esse mancebo que tanto lhe quer.

—Tudo isto me interesse muitissimo, replicou o policia.

«Convem illudir a vigilancia do rapaz e entrar na casa pela parte de traz, a fim de podermos escutar o que o velho diz á rapariga.

Passados cinco minutos tirava Harry Taxon a sua gazua e abria uma porta secreta pela qual elle e o seu amigo entraram sem serem notados.

Dentro da escura casa abriram mais algumas portas, allumiados pela lanterna electrica, parando deante de uma porta atravez da qual ouviram uma voz grave que dizia:

—Fizeste-me esperar muito tempo, pequena; julgava já que não virias.

«Esta noite faremos os juramentos e entrarás na posse dos feitiços.

«Dentro de uma hora poderemos ir ao cemiterio.

«Tens o dinheiro preciso para satisfazer o teu desejo?

Já sabes que sem dinheiro nada se pode fazer.

—Aqui está o dinheiro, Barnaby, respondeu angustiadamente Bell.

Os dois amigos, que a espiavam pela fechadura e fendas da porta, viram que ella dava algumas moedas ao velho.

—All right, rapariga, isto é preciso para que os feitiços deem resultado, disse o velho recebendo o dinheiro.

«Não estejas tão triste. Podes estar certa que esta noite desaparecerão as tuas inquietações.

«Se pontual ás dez horas no cemiterio.

—Receio, Barnaby, disse a rapariga balbuciando, que queiras fallar com os mortos. Se só quizeses dar-me hervas, não me importaria...

—Já não podes recuar, replicou o ancião, já deste a tua palavra ao diabo por meio de juramento, e ninguém somba impunemente do rei dos infernos.

—Bem, estou conformada, irei ás dez, disse contentada a rapariga.

«Mas estás certo que os feitiços me ajudarão?

«Julgas que esta noite não me apparecerá de novo mister Duglas, aquelle senhor a quem servi, e não me encherá de terror?

«Poderei saber pelos conjuros onde se encontram lord e lady Haile e quem é o culpado da sua desappareição?

N'este momento ouviram-se tão fortes e repetidos murros na porta, que Bell soltava um pequeno grito de espanto, e até os proprios policiaes chagaram a ter algum receio.

Immediatamente, a um signal do feiteiceiro, ella levantou um alçapão que havia no solo e por elle desceu uma escada que ia dar aos subterraneos.

Acabava de se fechar o alçapão, quando atirando dois pontapés á porta da casa, este se abriu, entrando como um furacão o moço apaixonado da formosa Mary.

O velho olhou para o recém-chegado indignado mas tranquillo, dizendo-lhe:

—O que te aconteceu, Wilson, para entrares de uma maneira tão brusca na habitação de um honrado velho?

«Este teu procedimento podia levar-te aos tribunaes, é uma verdadeira violação de domicilio.

—Ouve-me e julga depois com socego, replicou o mancebo.

«Invocas o direito e a lei, mas se eu te visse por esses caminhos, terias mais medo que eu...

«Mas mudemos de conversa, onde está a rapariga que entrou aqui ha bocado? Fallaste de não sei que coizas, de que não devias fallar...

«Que motivo a atrahiu aqui? onde está Mary Bell?

—Deve agora encontrar-se nos montes, respondeu o velho.

«Quando ouviu que batiam com tanta força, fugiu e a estas horas deve estar a caminho da cidade...

«Quando estás tão assustado por ella ter fallado commigo, é porque não terás a consciencia muito limpa...

«Ella é uma boa rapariga, e tu não a mereces; mas quer amar-te apesar de que agora não sente por ti o affecto que d'antes te consagrava, por causa de tu seres o culpado d'ella ser despedida da casa d'hospedes em que servia.

«O motivo que a trouxe a esta casa, foi pedir-me que faça com que sinta algum amor por ti.

—Sim, já sabia, disse rindo Nick Wilson, que ella me queria amar, depois de que agora não sente por ti o affecto que d'antes te consagrava, por causa de tu seres o culpado d'ella ser despedida da casa d'hospedes em que servia.

«Isso é para mim muito mysterioso e ao mesmo tempo muito agradável.

Os dois policias que estavam espreitando por de traz da porta lateral, viram que Nick Wilson tirava uma bolsa com dinheiro e a punha em cima da mesa, brilhando como ouro uma das moedas que mostrão ao velho.

— Bem, feiteiro, exclamou o mancebo depois de uma pausa, dou-te esta bolsa se fazes com que a rapariga adoeça de amor, mas de tal maneira que nunca mais se lembre de todo o passado.

— Para obter isso, respondeu o velho, seria preciso alguma coisa mais que uma doenca, só se conseguiria com um somno profundo... com a morte.

— Se não podes fazer isso... replicou Nick Wilson após uma longa pausa, pesando bem as palavras, faz que me esqueça para sempre.

— E porque pedes isso? perguntou o velho.

— E' um segredo.

— Para isso é preciso matar Mary, replicou o feiteiro, accentuando bem cada uma das suas palavras.

— Não poderias obter isso com o auxilio do diabo, a quem te entregaste de corpo e alma, velho feiteiro? gritou desesperado Nick Wilson.

— Só te dou o dinheiro no caso de fazeres o que eu quero.

— Das-me a tua palavra, Barnaby?

— Juro-te por Lucifer, exclamou o perverso velho.

Ao mesmo tempo como um ecco do diabolico juramento de Barnaby, estalou, apoz uma descarga electrica, um enorme trovão que encheu de espanto a consciencia do malvado mancebo.

Louco de terror lançou-se para a porta por onde tinha entrado na direcção da porta da casa, o que Mary fez egualmente, assustada pela medonha tempestade.

Alguns minutos mais tarde Mary e Nick saiam de casa do feiteiro pela porta da frente, fazendo o mesmo Sherlock Holmes e o seu companheiro pelo lado oposto na direcção do bosque, para não serem descobertos pela claridade dos relampagos que illuminavam o espaço.

Brevemente Mary e o seu companheiro desapareceram da vista dos policias.

CAPITULO V

Seguindo a pista

Como muito bem se comprehende, lord Percy estava verdadeiramente acabrunhado na sua prisão apesar de saber que a sua causa estava entregue a um

homem que empregaria toda a sua intelligencia e grande energia em mostrar á sociedade a innocencia do irmão de lord Haile, apesar de a opinião publica lhe ser pouco favoravel por causa da carta que elle escrevera á sua noiva, e que era, por assim dizer, o corpo de delicto.

Lord Percy que era um caracter recto e justo, incapaz de praticar o mal fosse contra quem fosse, via-se envolvido por uma serie de circumstancias imprevistas e fataes na morte de seu irmão como o verdadeiro e unico criminoso.

Todos os seus planos para um futuro prospero e feliz, todas as suas ambições de gloria e riqueza via-as quasi anniquiladas por aquella accusação infamante, que lhe manchava o nome que elle sempre tanto respeitara, e cortava a carreira gloriosa que ia encetar.

Isto por um lado; por outro, sentia um profundo desgosto, uma dôr verdadeiramente cruciante ao pensar nas lagrimas e desespero de miss Claire, a sua bem-amada, que lhe tinha entregado o coração e com toda a confiança e lealdade lhe concedera a sua mão sentindo-se orgulhosa de acceitar e usar o nome da nobre familia Haile, sempre honrado e respeitado. Ella era uma joven de delicados sentimentos e sio critério. Amava-o, é certo, e a dôr que lhe causava ver tão vilmente manchado o nome do homem leal e honesto, a quem entregara todo o seu affecto; devia ser terrivel. Aquellas almas soffriam um verdadeiro tormento, e só podiam communicar se por meio de cartas, que mal traduziam os seus sentimentos.

Lord Creswick fôra visitar Percy á prisão e disse-lhe que o genial policia-amador Sherlock Holmes se encarregara de desvendar o mysterio que envolvia a morte de seu irmão e cunhada, incutindo-lhe no animo a esperanza de que elle conseguiria descobrir o verdadeiro criminoso.

Esta noticia reanimara um pouco lord Percy.

— Diga-me, Creswick, exclamou subitamente Percy, sua filha que pensa d'este desgraçado acontecimento?

— Mereço sempre toda a sua confiança, todo o seu affecto?

— Sim, Percy; minha filha, assim como todos aquelles que bem o conhecem, fazem a devida justiça á nobreza dos seus sentimentos.

— Não admitta mesmo a possibilidade de um mau sentimento do lord para com seu irmão, e a sua piedade pela situação em que o senhor se encontra augmentou ainda mais o affecto que lhe consagrava.

— E' grande o seu soffrimento, mas anima-a a esperanza de que luz se fará sobre este escuro caso; e que o meu amigo sairá da prisão puro de toda a mancha, que momentaneamente parece envolver o nome honrado que usa.

— Não imagina, Creswick, quanto as suas palavras me fazem bem.

—São a expressão do meu sentir e de Claire, que nunca duvidou do senhor.

—Sim, creio-o. Mas a sociedade, sempre inclinada a acreditar o mal?

—A sociedade, meu amigo, nem sempre é imparcial, é certo, mas espero que voltará a ella digno e respeitado.

—Poderia ter uma entrevista com Sherlock Holmes?

«Desejava fallar ao celebre criminalista, a fim de lhe fazer uma exposição clara e nitida dos meus actos n'essa noite fatal.

—Sherlock Holmes, que já começou as suas pesquisas, tenciona continual-as em uma povoação proxima de Lanarck. Creio, porem, que elle ainda não saiu do hotel, e vou communicar-lhe o seu desejo.

—Muito lhe agradeço.

—Adeus, meu amigo, não desanime.

«Se Holmes ainda não saiu do hotel, acompanhalo-hei até aqui.

Felizmente Sherlock Holmes ainda se encontrava no hotel quando Creswick lhe escreveu pedindo-lhe que o procurasse em sua casa, ao que elle accedeu immediatamente, tendo-se primeiro disfarçado para não ser conhecido.

Chegando a casa de Creswick este communicou-lhe o desejo de Percy, e o grande criminalista, apesar das informações que tinha já obtido do seu amigo, a respeito de Percy, resolveu ir á prisão, porque, segundo o seu costume, não desprezava a menor circumstancia que pudesse fazer luz em qualquer crime que estava encarregado de descobrir.

Obtida pois a competente auctorisação, e sob um nome supposto conseguiu avistar-se com Percy.

Quando entrou lançou um penetrante olhar sobre o prisioneiro, que lhe estendeu a mão francamente.

Nós sabemos que o olhar de Sherlock Holmes tinha uma tal acuidade, quando pretendia penetrar até ao mais intimo das pessoas, que os mais rudes e perspicazes criminosos, estremeiam ante elle, como magnetisados, e quasi sempre se trahiam.

Todavia Percy superou-o sem esforço, apparentando a maior serenidade.

Na energica frente do policia appareceu um sorriso de satisfação, e correspondendo ao cumprimento do lord sentou-se sobre uma cadeira, dizendo:

—Manifestou desejo de fallar-me, lord Percy, e por consequente aqui me tem, apesar de eu ter resolvido não o procurar, sem ter alguns dados para lhe trazer uma boa noticia.

«Como porem poderá dizer-me alguma coisa, por insignificante que pareça, que possa auxiliar-me nas minhas pesquisas, resolvi aquiescer ao seu pedido.

«Devo declarar-lhe antes de tudo que tenho as me-

lhores referencias a seu respeito, e que, para mim, a sua innocencia não offerece duvida.

«Ao entrar aqui, mais me convenci que não estou na presença de um criminoso.

«Agora diga-me alguma coisa sobre o que fez na noite, do desaparecimento de seu irmão e cunhada, mas seja nitido e preciso nas suas declarações.

—Agradeço-lhe, senhor Holmes, a franquesa das suas palavras.

«Depois do que me disse, desnecessario é dizer-lhe que em nada contribui para o desaparecimento mysterioso de meu irmão e cunhada.

«Sei que o meu amigo Creswick o informou já das declarações que lhe fiz, e por isso pouco mais avancarei.

«Tendo-me alistado voluntariamente para ir servir na India, onde esperava alcançar por qualquer feito de coragem uma brilhante posição, e augmentar o meu pequeno capital, tanto quanto possivel, para casar com miss Claire, resolvera vir a Lanarck visitar meu irmão e a minha noiva, com o fim de me despedir e embarcar immediatamente.

«Acompanhei meu irmão e cunhada a cavallo n'essa noite tempestuosa, tendo-lhes antes pedido que não saíssem, em consequencia do mau tempo que fazia.

«Não me attenderam, prestando terem de fazer umas compras urgentes, e seguimos todos internados no bosque.

«Proximo de Nova Lanarck despedi-me de meu irmão, rogando-lhe que não seguisse para deante e regressasse a casa.

«N'este momento meu irmão disse-me que, se a tempestade não abrandasse, descansaria algum tempo em uma estalagem atravez de cujas janellas se via uma fraca luz.

—Que nome tem essa estalagem? perguntou Sherlock Holmes.

—Creio que se chama a «Estalagem dos mortos».

«Fiz-lhe notar este nome, mas meu irmão respondeu, rindo, que o nome nada importava, contanto que n'ella tivesse um bom abrigo e uma boa ceia.

«Minha cunhada porém, ficou preocupada com o nome da estalagem, e pediu ao marido que voltasse para traz.

«Este, porem, respondeu alegremente que a preocupação de sua esposa era uma puerilidade, pois que o nome da estalagem não significava nada mau, e que seguiria para a frente.

«E viu que seu irmão se dirigia para essa estalagem?

—Não posso dizer-lho, porque, ao despedir-me, dei de esporas ao cavallo em sentido contrario para chegar ao meu destino o mais cedo possivel.

—Mas pelas palavras de seu irmão, presume que

elle estava no firme proposito de ir hospedar-se n'aquella estalagem?

—E' possível, porque meu irmão raras vezes desistia de qualquer resolução uma vez definitivamente tomada.

—Todavia nada posso affirmar de positivo.

—E' realmente para lamentar, não poder responder affirmativamente.

«Seria uma informação de valor.

«Eu tencionava já levar as minhas pesquisas até essa casa de que suspeito bastante, e essa sua declaração mais me confirma as minhas suspeitas.

O lord olhou-o surpreso.

—Pois pensa que...

—Não penso nada; são simples deducções que se podem tornar em realidades.

«O senhor ouviu fallar no desaparecimento de um fabricante de lanifícios que veio ha um anno a Lanarck para aqui montar uma fabrica, e que se chamava mister Donglas?

«Pois esse homem desapareceu mysteriosamente, e tenho um presentimento que tambem esteve hospedado n'essa estalagem.

«Hoje tenciono ir a Nova Lanarck e espero que será ali o fim das minhas pesquisas.

—Senhor Holmes, agradeço-lhe tudo o que fizer para desvendar este mysterio.

«Amava muito meu irmão que para mim foi sempre um amigo dedicado e leal, supprindo sempre as minhas necessidades monetarias com verdadeira generosidade, e desculpando-me as rapaziadas proprias da idade.

«Não terei pois descanso enquanto não vir nas mãos da justiça o seu infame assassino.

«Não sei se o infeliz vive ou é morto; infelizmente, n'este ultimo caso pertence-me a sua enorme fortuna.

«Pois bem, senhor Holmes, garanto-lhe, e peço-lhe que não se offenda, uma gratificação principesca se consegue haver ás mãos o criminoso ou criminosos.

Sherlock Holmes, sorriu, e disse:

—Meu caro lord, não pense n'isso.

«Dar-me-hei por bem pago no dia em que venha dizer-lhe—está livre e o seu nome limpo de toda a mancha.

Um forte apertão de mão foi a resposta do lord, cujos olhos brilhavam de esperança e alegria.

Quando Holmes se dirigia para o hotel passou hombro a hombro por dois homens que lhe chamaram a attenção, e que lhe não pareceram desconhecidos.

Ambos traziam chapéus de abas largas encobrindo-lhe um pouco as feições e capotes traçados sobre os hombros. Conversavam em voz baixa.

Sherlock Holmes resolveu segui-os e ver para onde se dirigiam.

Viu-os entrar para uma cervejaria; e entrando para o portal de uma casa ahi virou o fato do avesso, que era já feito de proposito para este disfarces rapidos, poz uma barba postica, deu um pequeno geito ao chapéu que lhe modificou o feitio e dirigiu-se para a cervejaria.

Os dois homens não podiam ver n'elle a pessoa por quem tinham passado na rua.

Era completamente outro.

Quando entrou na cervejaria estavam elles sentados a uma mesa tendo na frente dois copos de cerveja e fallando animadamente.

Sentou-se a uma mesa proxima d'aquella onde os homens estavam e pediu em russo uma bebida qualquer.

Usou d'este estratagema para que os homens falassem mais á vontade, pois não havia mais ninguém na cervejaria.

O cervejeiro que não comprehendia o russo, ficou interdito sem saber o que havia de fazer, e o genial criminalista para melhor se fazer comprehender, foi á mesa dos dois desconhecidos e pegando n'um copo cheio de cerveja mostrou-o ao dono da casa.

Os dois homens acharam graça áquella maneira de se fazer comprehender, e o cervejeiro foi satisfazer o pedido do freguez.

Vendo que podiam fallar á vontade, pois soppu-nham que o supposto russo os não comprehendia, proseguiram conversando.

Era o que Sherlock Holmes queria.

—Pois é verdade, Jim, isto aqui já não vae bem, dizia um, o peixe não morde, e segundo consta, aquelle patife, Sherlock Holmes chegou hoje a Lanarck mais o seu inseparavel ajudante.

—Que o inferno os trague, respondeu o outro.

—Pois sim, mas elle não está aqui por bom, e eu já me não sinto seguro.

A este tempo o grande policia tinha a cabeça sobre a mesa e resonava tão naturalmente que illudiria ta gente.

Os dois patifes mais seguros se sentiram.

—Mas que virá elle cá fazer? respondeu o outro.

—Sei cá o que é certo é que não estamos já aqui seguros, e portanto será melhor ir ter com o velho Wilson da «Estalagem dos Mortos» e ultimar as nossas contas.

«O velho está a fazer-se sovina.

«Mas, ou larga o que se ajustou, ou hade arrender-se.

—O melhor é entender-mo-nos com o filho.

—Pois sim, esta noite vamos procural-o, e liquidado o negocio mudamos de poiso.

«Só podemos estar seguros em Londres, e já es-

tuou arrependido de termos feito sociedade com os Wilson.

Sherlock Holmes ouvia esta conversação, e rejubilava no seu íntimo.

Lembrava-se agora de quem eram estes dois patifes, que já perseguira em Londres, e que perdera de vista.

Não lhe restava agora duvida que elles não eram estranhos ao mysterioso desaparecimento de Lord Haile e de sua esposa, e estava convencido que brevemente teria em suas mãos os auctores do duplo crime.

Vendo que os dois patifes se levantavam, e saiam depois de ter pago a despeza, fez tambem o mesmo, e seguiu em direcção ao hotel, sem despertar a menor desconfiança aos dois homens.

CAPITULO VI

Horrivel descoberta

—O ceu escurece cada vez mais, exclamou o genial policia, algum tempo depois de se terem internado no bosque, para que se faça mais luz n'este caso de Haile.

—Onde te parece que poderíamos obter alguns esclarecimentos sobre o assumpto?

—Não sei, respondeu Harry, talvez na «Estalagem dos mortos»?

—Mas com este detestavel tempo vamos dirigir-nos a Nova Lanarek?

—Não é coisa que assuste um policia, respondeu Sherlock Holmes; a distancia, com o passo que levamos, transpõe-se em pouco tempo.

—Se a tempestade augmentar, abrigar-nos-hemos em alguma das muitas coyas que se encontram por este caminho.

—Vamos a Nova Lanarek, mas não á «Estalagem dos mortos», pois seria uma loucura.

—O nosso fato denunciar-nos-hia a Nick, se nos visse chegar a estas horas.

—Iremos ao cemiterio que está perto da «Estalagem dos mortos».

—Se augmentar a tempestade estando nós já no cemiterio, abrigar-nos-hemos em algum dos muitos tumulos enquanto esperamos que appareçam o velho e Mary para fazerem os seus conjuros aos mortos.

—Seguil-o-hei aonde quizer, sr. Holmes, respondeu Harry Taxon.

E ambos começaram a apertar o passo atrevaz da

intrincadas espessuras, illuminados pela lanterna electrica, para alcançar o caminho plano que conduzia ao povoado.

Entretanto approximavam-se nuvens repletas de agua e de electricidade; os relampagos cegavam de continuo os olhos dos caminhanes, e os trovões faziam tremer a terra que pizavam.

O vento sibilava por entre as arvores fazendo vergar os seus altos ramos.

Em pouco tempo começaram a cair grossas gottas de agua e os nossos dois policias viram-se na necessidade de deitar a correr na direcção de uma casa arruinada que apparecia a um lado do caminho.

Quando lá chegavam estava a tempestade na sua maior força.

Passada uma boa meia hora, dissiparam-se as nuvens deixando ver o formoso disco da lua, que illuminava, com a sua luz prateada, todos os montes e caminhos.

Sherlock Holmes e Harry Taxon novamente se puzeram a caminho e mal tinham andado uma hora notaram sobre uma colina proxima, um recinto quadrado, sobre cujas paredes se erguiam arvores de tronco delgado e altos ramos, muito semelhantes a ciprestes.

Não muito distante elevava-se um edificio bastante espaçoso, que os impressionou desagradavelmente, pela posição em que se achava, afastado um quarto de hora da cidade e por sua estranha architectura.

Das janellas do segundo andar saiam alguns raios de luz.

Aquelle era o cemiterio, e este a «Estalagem dos mortos».

Tendo chegado á porta do cemiterio, abriu-a Sherlock Holmes com a sua inseparavel gazua, entrou com o seu ajudante no recinto murado, e tornou a fechar a porta.

O centro do cemiterio estava occupado por sepulturas rasteiras, e os lados e a parte oposta á entrada por nichos de pedra e ladrilho.

Para estes ultimos se dirigiram Sherlock Holmes e Harry Taxon, pois nos que estavam vãos podiam occultar-se e presenciar tudo o que em redor se passasse.

Atravessavam silenciosamente o cemiterio para não perturbar a paz dos mortos, quando viram que no caminho havia uma ova e perto d'ella terra recentemente removida, vendo-se tambem um caixão.

Os dois policias approximaram-se, exclamando Sherlock Holmes:

—Será este o ataude do tio de Mary que falleceu hontem?

—E' o mais provavel, respondeu o joven ajudante; não podemos pensar outra coisa, pois não ha outro ataude...

Interrompeu-se por ter visto n'este momento na parede do cemiterio a cabeça de um homem que a escalava.

Sherlock Holmes logo que a viu, fez signal a Harry Taxon para que se occultasse e o seguisse junto de uns nichos vasillos na proxima parede.

Ambos deslizaram como duas sombras pelo caminho até se esconderem.

— Parece que é o feiticeiro Barnaby, disse Harry ao ouvido do seu mestre, logo que chegaram ao seu esconderijo.

Ambos seguiam os movimentos do velho com o maior interesse.

Quando este transpoz o muro, appareceu na parede outra fôrma humana que parecia de mulher...

Era Mary Bell.

— Santo Deus! Barnaby, disse a joven, apenas saltou o muro, tapando o rosto com as mãos.

«Receio perturbar com os meus passos a tranquillidade dos mortos; experimento um temor respeito-so...

«Quero voltar para traz, pois já vejo que de nada me servirão os teus conjuros e feitiços.

— Não me enfades com as tuas desconfianças e sustos, replicou o velho elevando a voz.

«Posso garantir-te que, com os meus conjuros, sempre obtive o que desejava, e tenho descoberto os maiores segredos,

O velho agarrou na mão da formosa joven, e collocando ella a outra sobre o coração, seguiram direitos á cova recentemente aberta.

Então o velho murmurou algumas palavras que causaram profunda impressão no espirito da joven, a julgar por um profundo suspiro que soltou.

O velho inclinou-se e começou a examinar a terra...

A rapariga affastou-se um pouco.

Parecia muito assustada.

Depois de olhar por um bocadinho, disse o velho, levantando a voz e dirigindo-se á joven:

— Mas, Mary, o que fizeste ao cadaver de teu tio?

— Eu? exclamou assustada e fóra de si Mary approximando-se do caixão.

E inclinando-se sobre elle, viu cheia de terror, que a mortalha estava ensanguentada.

— Tiraste-o por acaso do caixão e deixaste-o cair com força, fechando precipitadamente o ataúde?

— Não, não, respondeu atterrada Mary. Mas o que é isto?

— Não é este o mesmo caixão... O que eu compreí era muito bonito e bom, e este é feio e já velho!

E tornou a olhar pela abertura do caixão, do lado

da cabeça, como se não dêsse credito ao que já tinha visto.

— Se é certo o que dizes, replicou o feiticeiro, se puzeste o corpo de teu tio com cuidado dentro do caixão, e se este era novo, devo dizer-te que alguém esteve aqui e roubou o cadaver.

E dizendo isto fez um esforço e abriu o caixão, tirando immediatamente com alguma perturbação a mortalha, que apresentou aos olhos espantados da joven.

Esta, não obstante o seu enorme terror, olhou-a um momento com grande interesse, enquanto o velho contemplava o rosto do cadaver.

Quasi no mesmo momento a joven lançou um olhar para o corpo do fallecido.

Soltou immediatamente um agudo grito, cheio de terror, tremendo-lhe todo o corpo.

O velho tambem estava fortemente commovido.

Quando Mary Bell recuperou algum alento para poder fallar, exclamou:

— Grande Deus! é o lord a quem na terça feira ensinei o caminho para o povoado... é lord Haile.

— E' verdade disse serenando o velho.

«Não vês como os meus conjuros teem efficacia?

«Não querias tu saber onde elle se encontrava? Pois já o sabes.

«Inclina-te para te certificares melhor de que é verdadeiramente o corpo do lord; se é elle, como não duvido, perto estará o de lady Haile.

— Sim, é, gritou a rapariga no auge do espanto; o seu rosto está tão desfigurado e horroroso que mal se pode conhecer. Mas é elle.

«Quanto sangue terá corrido d'estas feridas! E no mesmo instante caiu desmaiada sobre o cadaver.

Subitamente o velho pareceu presa de um pesadelo.

Não o enganavam os seus sentidos?

Aquelles que se approximavam eram espiritos ou seres de carne e osso como os outros mortaes?

Então viu aquellas duas sombras collocarem-se, uma a seu lado e a outra ao lado de Mary, que já tinha recuperado os sentidos.

Esta olhou cheia de surpresa aquelles dois seres mysteriosos que estavam perto d'ella.

Pensou primeiro que se enganava.

Seria o homem mais velho aquelle sujeito que tinha fallado com ella no hotel de Lanarok e olhava para ella com o seu penetrante olhar?

A julgar pelos olhos e pelo rosto era o mesmo, mas aquelle fato de montanhez desnorreava a.

Os homens de Londres, pensou ella não vestem assim.

Então lembrou-se das numerosas perguntas que lhe tinha feito.

Seria policia?

E a rapariga começou a tremer.

Pensou que a sua presença n'aquelle logar era para a prender e a Barnaby.

Que julgavam que ella era culpada do desaparecimento de lord e lady Haile, e que portanto seria executada.

Teria acaso Barnaby um meio para livral-a de sofrer primeiramente os horrores do carcere e depois a morte infamante na forca?

Porque havia de soffrer tão grande angustia quando estava completamente innocente da morte do lord e de sua joven e formosa esposa?

Se se encontrava ali no cemiterio é porque ignorava o que tinha acontecido, e não porque quizesse certificar-se se ali estavam os cadaveres das suas victimas.

Apoderou-se então do coração de Mary um grande odio contra o velho que a tinha levado ao cemiterio e contra Nick Wilson, por causa de quem ali fora.

Experimentára agora o contrario do que tinha ido ali procurar.

Taes eram os pensamentos que atravessavam o espirito da attribulada joven, e os sentimentos e temores que lhe atormentavam o coração.

Tranquillizou-se por fim pensando que tambem ella era culpada; não tinha denunciado logo ao principio Nick Wilson e seus paes pelas grandes suspeitas que tinha, de que eram elles os culpados da morte de lord e lady Haile: ter-se-hiam os dois infelizes hospedado na «Estalagem dos mortos»?

Mister Donglas tambem lá esteve hospedado na mesma estalagem, e desaparecera de um dia para o outro.

Recordava-se muito bem que á noite o cavalheiro tinha estado a fallar com ella, e pela manhã, quando ia servir-o, já não o encontrou.

Durante muito tempo todos quatro permaneceram em longo e mysterioso silencio, quebrando-o por fim o genial policia no momento em que um raio lunar veio illuminar o grupo.

—Não pensa, Mary, disse Sherlock Holmes, que Nick Wilson e os seus companheiros são os unicos culpados da morte de lord Haile e sua esposa, e que foram elles tambem que fizeram desaparecer o corpo de seu tio?

Mary e o velho ficaram mudos de espanto ao ouvir fallar o genial policia.

Este proseguiu:

—Não se admire, Mary, de que lhe cite estes nomes, pois tenho-a seguido desde a casa de mister Cresswick até á de Barnaby.

«Sei alem d'isso que o mancebo que d'antes a requestava, deseja agora a sua morte...»

«Espero que o auxilio de Barnaby concorrerá para desvendar todo este caso de Haile.

«Estou satisfeito por ter descoberto o logar onde estão os dois cadaveres.

«Debaixo do cadaver do lord está o de sua esposa. «Agora só nos falta prender os criminosos.

«Está certa que são estes os dois esposos desaparecidos?

—Sim, senhor, respondeu Mary, tão commovida, que chorava abundantemente; estes são os bons senhores que no outro dia foram visitar meu amo.

«Não posso conter as lagrimas ao ver fechados para sempre os olhos da lady que me olharam com tanto carinho, e o rosto horivelmente desfigurado do bondoso lord!

—Bem, disse Sherlock Holmes que, juntamente com Harry tinham levantado o cadaver do lord, deixando ver o da lady. Agora deixemos descançar os mortos.

E voltou a colloca-los como estavam antes d'elle chegar, proseguindo:

—Agora, o que convem saber é quem, na sua opinião é o verdadeiro culpado d'estas mortes para registar o seu parecer no protocolo.

«Reclamam-no com toda a energia a justiça e a honra d'uma familia, duplamente desgraçada.

«Oh! senhor, exclamou Mary; tenho luctado noite e dia para vencer-me e declarar á policia o nome d'aquelle que julgava culpado.

«Sentia de todo o coração que tivessem prendido sir Percy Haile, como culpado do nefando crime.

«Não quero, meu Deus! fazer mal áquelle que até agora me tem amado...

—A menina refere-se a Nick Wilson? interrompeu bruscamente o policia.

—Sim, senhor, respondeu Mary chorando; creio que é elle o culpado.

«Não sabe mais nada a este respeito?

—Nada mais.

—E a respeito da desapareição mysteriosa de mister Donglas, ha um anno? perguntou o policia.

—Tambem só tenho suspeitas, respondeu a formosa joven.

—E qual é a sua opinião, Barnaby, disse Sherlock Holmes dirigindo-se ao feiteciro; tambem suspeita de Nick Wilson?

—Ha muito tempo que o conheço a elle e a seus paes, replicou o feiteciro. Devo dizer francamente, que se trouxe esta joven aqui, foi para obrigal-a a dizer o que soubesse, pois ella conhece bem os donos da «Estalagem dos mortos», por ter sido creada da casa durante algum tempo.

«Julguei que, assustada por tão espantoso especta-

culo ella descobria a que soubesse, mas devo declarar que me enganei.

«Procedendo como procedi só desejava saber alguma coisa de positivo para poder perseguir os criminosos, com receio de que pudessem recair suspeitas sobre mim, sendo eu castigado sem o merecer.

—Não tenha receio, Barnaby, respondeu Sherlock Holmes.

«Prometto-lhe, assim como a Mary, dar-lhe uma boa recompensa por terem descoberto os cadáveres de lord e lady Haile, mas peço-lhes que guardem o mais absoluto segredo sobre tudo o que viram até que eu os autorise a falar.

«Além d'isso, peço-lhes que me prestem a sua cooperação para prender ainda este noite os assassinos e entregar-os á justiça.

Barnaby e a formosa joven prometeram guardar inviolavel segredo como Sherlock Holmes lhes havia pedido.

Comprometeram-se a esclarecer os mysterios em que estava envolvida a «Estalagem dos mortos», mas não se atreveram a apresentar-se na casa.

Em seguida enterraram o caixão cobrindo a cova com terra em pouco tempo, e abandonaram todos juntos o cemiterio.

Passaram uma ponte, seguindo a direcção da cidade.

Fôra das portas era a casa que havia pertencido ao tio de Mary.

Estava na mesma altura que o cemiterio, não muito distante da «Estalagem dos mortos» mesmo ao lado da estrada que conduzia á cidade.

O grande policia e Harry Taxon acompanhados da formosa joven e do velho feiteiro, chegaram até á porta da casa, que Mary abriu pedindo aos companheiros que entrassem.

Logo que entraram, Mary pediu desculpa aos dois policias por lhes apresentar uma casa apenas digna de um montanhez da Escocia, mas muito humilde para offerece-la a tão distinctos cavalheiros.

Logo que os dois policias mudaram a roupa que traziam completamente encharcada por outra secca e confortavel, foram á sala onde se encontravam Mary e o velho feiteiro, tendo com elles uma demorada conversa relativa ao assumpto.

Depois dirigiram-se ao terraço da casa. D'alli a vista abrangia toda a região e distinguia-se perfeitamente a «Estalagem dos mortos», graças á luz brilhante da lua cheia.

Não se via ninguém por aquelles arredores.

Parecia que os moradores da «Estalagem dos mortos» não suspeitavam do que tinha succedido havia poucos minutos no cemiterio.

—Como lhes dizia, meus amigos, proseguia Sherlock Holmes reatando a conversação que haviam tido

no cemiterio, desejava surprehender os criminosos; mas primeiro desejo que me diga, Mary, são muitos os moradores habituaes da «Estalagem dos mortos»?

—São apenas tres, respondeu a rapariga, o velho Wilson, a mulher e seu filho Nick.

—Não ha creados ou creadas na hospedaria?

—Agora não senhor, replicou a formosa Mary.

«Os tres bastam para para os poucos hospedes que teem; além d'isso só lá ficam uma noite.

«Quando é por occasiões de feiras tomam alguns moços da povoação para lhes fazerem algum serviço.

«N'outros tempos, quando o avô era vivo, como era a unica estalagem da terra, tinham muitos creados; os Wilson passavam pelos mais ricos da comarca.

«Agora estão mais em baixo.

—Portanto só temos que haver nos com os tres membros da familia, disse Sherlock Holmes.

«Eu e o meu companheiro somos sufficientes para ir á «Estalagem dos mortos», mas certamente muito nos convem que tivéssemos á nossa disposição um homem forte e corajoso que nos pudesse auxiliar em qualquer caso imprevisto.

—Está em casa meu primo Roberto, explicou Mary, que poderá servir-lhes de alguma coisa.

«E' um homem resolute e atrevido, que auxiliará com prazer os seus planos, muito mais, sabendo que são contra os Wilson.

—Muito bem, Mary, respondeu Sherlock Holmes, vá chamar seu primo Roberto, eu ficarei entretanto fallando com Barnaby, para me explicar a maneira como poderemos levar ao fim a resolução que tomei de prender os criminosos.

Mal passava um quarto de hora quando appareceram a joven Mary e seu primo Roberto.

Era um homem alto e musculoso, parecendo ter vinte e cinco annos.

Pouco depois deixaram a casa do tio de Mary, acompanhados de Barnaby e de Roberto Bell, pondo-se a caminho da «Estalagem dos mortos», enquanto Mary, presa d'uma expectação natural pelo desenvolvimento dos acontecimentos que iam breve realizar-se, fechava a porta.

CAPITULO VII

Na «Estalagem dos mortos»

Quando chegaram á porta da «Estalagem dos mortos» os quatro homens, disse o grande policia para Roberto que esperasse fóra, acudindo só no caso de muita demora ou se ouvisse gritos.

Roberto ia muito bem armado.

Alem de um punhal que trazia no cinto, levava dois revolvers.

O velho tambem não estava desarmado, pois tinha uma excellente pistola.

Sherlock Holmes e Harry pareciam exteriormente dois touristes.

Levavam grandes correntes de ouro nos relógios, e nos dedos muitos anéis de preciosos e ricos diamantes. As bolsas de prata estavam cheias de moedas de ouro.

Antes de entrar, disse Sherlock Holmes:

—Não ignora, Barnaby qual deve ser o seu procedimento?

—Pode estar tranquillo, senhor, tenho já bastantes annos para saber o que devo fazer, replicou o velho.

E acto continuo bateram á porta, ouvindo-se d'ahi a pouco passos apressados que se approximavam.

Alguns segundos depois Nick Wilson abria a porta, levando na mão um primitivo candieiro de azeite.

Olhou com suppreza para os recémvindos, levantando a luz para lhes distinguir melhor os rostos.

—Que te traz por aqui, Barnaby, perguntou Nick depois de ter olhado attentamente para todos.

—Quiz trazer aqui estes forasteiros para passarem a noite, disse o feiteiro piscando os olhos e fazendo com a mão um signal ao joven estalajadeiro, signal que elle comprehendeu, ficando muito satisfeito.

Barnaby proseguiu:

—Quando te retiraste, Nick, fui ao bosque, apesar de estar já ameaçando tempestade, para colher aservas.

«Tive que procurar um abrigo para resguardar-me da chuva, e quando esta parou, pude encontrar aservas que precisava.

«Quando regressava com ellas chamaram-me estes forasteiros, que, perdidos nos caminhos que conduzem á povoação, não sabiam onde se encontravam.

«Pediram-me que os conduzisse a uma boa casa onde pudessem comer e beber á sua vontade e duas camas para passarem a noite.

—Mancebo, disse o policia, parece que o velho está muito satisfeito por nos ter trazido aqui.

«Esperamos que passaremos bem a noite.

«Não te arrependers de nos dares uma boa hospedagem, porque costumamos pagar generosamente.

Se Nick tivesse abrigado alguma duvida a respeito dos seus novos hospedes, desaparececiam com as ultimas palavras do policia.

Então convidou os touristes a entrarem em casa e a seguirem-no pelo corredor, levando-os até á melhor sala da hospedaria.

Logo que Sherlock e Harry Taxon se sentaram, disse Nick Brande desculpando se:

—Como a noite estava tão tempestuosa, não espe-

ravamos hospedes, e portanto não preparámos ceia; contudo temos fiambre e bons vinhos,

«Parecem-lhes ha pobre a nossa casinha, mas não é tanto assim...

—Não importa, estamos acostumados a tudo, disse o genial policia.

«Trata de nos servir depressa e com abundancia porque temos muito appetite e muita sede.

—Peço-lhes que se sentem á mesa que está ao lado da chaminé, disse Nick indicando os logares.

E em seguida accrescentou:

—Agora vou á cosinha ver o que posso trazer-lhes.

«Podes vir, Barnaby, para me ajudares.

E deixou a sala acompanhado do velho feiteiro. A casa era realmente bastante pobre.

Na sala onde estava Sherlock Holmes havia algumas estantes cheias de pratos e copos pouco limpos.

Nas paredes, alguns quadros representando scenas historicas, sendo os mais importantes a execução da desgraçada rainha da Escocia, a catholica Maria Stuart, e n'outro o desespero do infame verdugo da formosa Maria, sua prima a rainha Isabel d'Inglaterra.

Emquanto Sherlock Holmes e Harry espreitavam pela porta do quarto, estavam conversando na cosinha, que era proxima, Nick Wilson e o velho feiteiro.

—Amanhã á noite, dizia Barnaby a Nick, tornaremos a ver-nos, pois quero hoje preparar aservas que encontrarei.

—Ah! queres então dizer que me serão de grande utilidade? disse rindo Nick

—E's muito incredulo, replicou formalizado o feiteiro; depressa te convencerás da sua virtude.

«Tambem darei a Mary um elixir, e verás como elle dá resultado.

«Como suppões que queira enganar-te, quando pretendo enriquecer-te conduzindo a tua casa pessoas que trazem tanto dinheiro?

—Tens razão, Barnaby, replicou Nick. Mas diz-me, julgas acaso que os forasteiros são tão ricos como parecem?

—Não me resta duvida, respondeu o velho; as suas bolsas estão cheias de ouro, e nas carteiras trazem bilhetes do Banco de grande valor...

«Não poderias tu deixar-me passar aqui á noite para não me vêr na necessidade de sair a estas horas?

—Não posso, replicou Nick, estando cá estes dois inglezes tenho de os servir.

—Bem, bem, respondeu o velho, já vejo que não me queres ser agradavel.

«Se eu tivesse tanto dinheiro como esses cavalheiros, então punhas a tua casa toda á minha disposição... mas como sou pobre, recusos-me este peque-

no favor, que, ao menos, por caridade, me devias fazer.

«A'manhã t'ò pagarei.

E murmurando algumas palavras de enfado, Nick chegou-se á dispensa, agarrou algumas latas de conservas e fiambres, tirou um pão e duas garrafas de vinho de boas marcas com alguns pratos para servir os dois forasteiros.

Quando Nick saia da cosinha, approximou-se-lhe um homem de uns sessenta annos, bem conservado, de olhar penetrante e rosto de facinora, acompanhado de uma mulher desgrenhada, de aspecto duro e de idade: eram os paes de Nick.

—Já viste, Nick, disse o velho ao filho, os forasteiros que trouxe Barnaby?

«En e tua mãe temos estado a observar os da porta do nosso quarto.

«Suspeito que trazem muito dinheiro, e por isso será bom pôr a prensa em movimento.

«Vamos ser ricos.

—Parece-te, accrescentou a mulher, que poderemos repetir impunemente o trabalho? Se algumas vezes temos sido felizes, repetindo-o em poucos dias, pode ser que nos descubram.

—Que medo tens, disse o marido; já passaram alguns dias depois da desappareição do lord e da mulher, veio policia a Lanarck e ninguem suspeitou de nós.

«Porque haviam suspeitar agora?

«Como são touristes pode fazer-se a coisa mais impunemente.

«Levemol-o para o melhor quarto.

—Tens razão, respondeu a mulher, mas seria bom perguntar aos forasteiros em que quarto querem dormir, para dissimular o nosso intento.

«Se veem de Lanarck não se lhe faz nada, pois receio...

—Deixemo-nos de contos, Nick, respondeu Wilson pae, leva quanto antes a ceia aos hospedes.

«Quando estejam comendo appareceremos nós e começaremos a conversar.

«Se veem de Lanarck seguirei os conselhos de tua mãe.

Nick foi immediatamente cumprir as ordens de seu pae.

Os hospedes pareciam ter grande impaciencia. Sherlock Holmes, ao ver entrar o mancebo, disse-lhe:

—Julgava já, rapaz... come te chamas?...

—Nick Wilson, para o servir, respondem elle.

—Pois já julgava, Wilson, que não voltavas hoje.

Nick já estava pondo a mesa com tudo o que tinha trazido da cosinha.

—Desculpem-me os senhores se não vim mais cedo, pois estive entretido com o seu guia, que me disse

que os tratasse com todas as atenções devidas a tão distinctos cavalheiros.

Enquanto estiveram comendo retirou-se Nick por um momento, e quando regressou, disse:

—Na casa só ha disponivel um quarto grande muito bem mobilado com uma cama de casados, e alguns pequenos quartos mas mais pobres. Qual escolhem os senhores.

—Prepara o grande, disse o genial policia.

—Muito bem, respondeu Nick fazendo uma profunda cortezia.

N'este momento entrou o pae na sala.

Sherlock Holmes lançou immediatamente o seu agudo e penetrante olhar para aquelle homem, que o olhava sorrindo, com modo affavel, ainda que embriagado com a ideia de ter na sua frente uma victima segura.

O genial policia conheceu em um instante aquelle lobo coberto com a pelle da ovelha.

Fez o velho uma leve inclinação de cabeça e começou a fallar com os seus hospedes desejando-lhes bom appetite, e desculpando-se de não poder offercer-lhes melhor ceia por não saber da sua chegada.

Agarrou em seguida n'um copo, encheu-o de vinho e bebeu á sua saúde.

Depois elogiando a boa qualidade dos alimentos da terra, perguntou:

—Não lhes parece que o vinho e o pão são aqui melhores do que em Lanarck?

—Engana-se, senhor, disse Sherlock Holmes, nós não estivemos em Lanarck.

—Mas o meu filho disse-me que os senhores tinham vindo de Lanarck, e se haviam perdido no caminho.

—Vimos de Agr e vamos para Lanarck, para depois fazer uma excursão ao norte da Escocia, pois ouvimos dizer que as suas montanhas são formosissimas.

—Os senhores são turistes? perguntou o velho Wilson.

—Sim, senhor, temos percorrido toda a Irlanda...

—Os senhores serão por ventura de Londres? Pergunto isto, disse o velho Wilson, porque todos os annos pelo verão veem aqui muitos turistes d'essa cidade.

—Não, senhor, respondeu o genial policia, somos yankees legitimos e queremos dar uma volta pela Europa.

«Esta casa agrada-nos muito; se a cama fôr tão boa como a comida e o vinho, iremos d'aqui muito satisfeitos.

E fez signal de que pagaria bem.

Depois proseguir:

—Poderia acompanhar-nos ao nosso quarto? esta-

mos perdidos de somno, e temos que nos levantar de manhã cedo, para continuar a nossa viagem. De manhã viaja-se melhor.

«Creio que dormiremos bem, pois estamos tão fatigados que muito precisamos descansar.

—Nós já estamos deitados, respondeu o velho.

«Quer que eu mesmo os acompanhe ao quarto?

—Como quizer, responderam Sherlock Holmes.

O velho então acendeu uma vela e disse aos forasteiros que o seguissem.

O velho seguiu por um corredor estreito e escuro, subindo logo uma íngreme escada que estava em frente de um quarto mobilado com um certo conforto.

A cama estava a um canto coberta com um grande cortinado.

Junto da cama havia uma mesinha de cabeceira e duas cadeiras.

Não muito distante um armário de ferro.

A um canto do quarto, a chaminé onde havia algumas figuras de porcelana.

Pela parte de traz do mesmo uma janella que dava para o jardim, coberta com uma grade de ferro...

Sherlock Holmes olhou com attenção para a sala e para o quarto approximando-se para melhor o ver, e disse:

—Agrade-me a segurança que tem esta casa, protegida como está.

—Não esqueçamos nada, disse o velho, para que os nossos hospedes estejam aqui com toda a tranquillidade.

«Como sabemos que se tem praticado alguns roubos em varios povos da região, não queremos que se repitam na nossa casa.

«Quando querem os senhores que os venha acordar?

—A's seis horas, pouco mais ou menos, respondeu o genial policia.

—Pois ás seis horas em ponto aqui virei, respondeu o velho Wilson.

«Desejo-lhes uma noite feliz.

E dizendo isto poz a luz sobre a mesa e saiu do quarto, percebendo Sherlock Holmes e Harry Taxon, que elle descia a escada.

CAPITULO VIII

Machina infernal

—Agora é preciso revistarmos minuciosamente a casa, disse Sherlock Holmes ao seu ajudante Harry Taxon, depois de ter corrido o ferrolho da porta.

«Não temos que receiar alguma surpresa, pois não podem abri-la sem que o notemos.

Harry dirigiu-se para a ante-sala e poz-se a olhar attentamente com a sua lanterna electrica o tecto da habitação.

Entretanto Sherlock Holmes revistava o quarto, olhando para debaixo da cama, nada achando de suspeito.

Depois agarrou n'uma cadeira e poz-se a olhar com todo o cuidado os cortinados do leito, em todas as direcções como se n'elles houvesse alguma coisa que lhe despertasse a attenção.

Harry estranhou isso e approximando-se do armário de ferro que estava junto da cama, perguntou:

—Vê alguma coisa de extraordinario?

—Muito, replicou Sherlock Holmes; mas vae tu revistar o armário de ferro.

—Preciso da gazuza, porque está fechado.

Sherlock Holmes abaixou-se e tirando a sua chave universal, abriu a porta do armário.

Estava vazio, mas notou que a parede era de madeira.

Era uma porta.

Abriu, pois, e seguido de Harry entrou na casa para que ella deitava e que estava cheia de moveis velhos.

De subito os dois policiaes soltaram um grito de alegria pela descoberta que tinham feito.

Debaixo do armário de ferro e á entrada da casa dos trastes velhos havia um espaço que produzia um som oco.

Bateu o policia no chão com o pé e em seguida com a mão, e convenceu-se que não se tinha enganado; era uma nova porta que se podia abrir.

—Olha a segurança que Wilson quer ter para o nosso quarto, disse rindo Sherlock Holmes para o seu companheiro.

«Esta descoberta alegra-me bastante.

«Agora vamos ver o que ha lá em baixo.

«Allumia bem, Harry.

E apalpando o papel do fundo do armário encontrou occulta a fechadura de uma porta, pela qual, depois de aberta, entraram.

Esta entrada conduzia por uma pequena escada a um corredor baixo e estreito, que findava em uma outra para os subterraneos e sotãos.

N'estes encontraram muitas malas e cofres.

—Voltemos já para cima, disse o genial policia, já sabemos onde os malvados querem que vão parar o nosso dinheiro e os nossos corpos.

«Ainda nos falta examinar com toda a attenção o cortinado da cama.

«Não me admiraria que ali estivesse o instrumento de que os patifes se servem para matar os desgraçados que caem nas suas mãos.

E começou a retroceder pelo caminho que já tinha percorrido.

Quando chegaram ao quarto começou o polícia a examinar as cortinas da cama; ao vêr que estavam presas com arames em fôrma de corôa, com buracos no tecto, começou a rir.

Harry nada lhe perguntou, porque já tinha comprehendido.

Um minuto depois, ouviram vozes de alguém que se approximava.

—Não te parece, Harry, que alguém se approximava? perguntou o polícia.

—Sim, mestre, alguém sobe a mysteriosa escada, responderon o mancoço.

Sherlock Holmes sem fallar, agarrou no braço de Harry e levou-o para a casa dos trastes velhos, para detraz das cadeiras e outros moveis.

Não restava duvida que, quem se approximava eram o dono da «Estalagem dos mortos», a mulher e o filho.

N'esse momento estavam no corredor da segunda escada.

—Queres subir já ao armario? ouviram os policiaes dizer o velho para o filho; d'ali poderás vêr se já dormem.

N'esse caso, proseguiu o pae, poderiamos apoderar-nos do dinheiro, sem fazer uso da prensa; a porta do armario pode abrir-se sem fazer barulho.

«Os estrangeiros talvez deixassem o fato sobre a cadeira que está junto da cama.»

«Se pudéssemos conseguir o nosso fim sem derramar sangue, melhor seria.»

Os policiaes viram que Nick se acercava e abria cuidadosamente a porta.

D'ahi a pouco ouviram o o velho dizer:

—Sempre é preciso fazer uso da prensa, para nos não apanharem de surpresa; assim como assim ninguém vae dizer que os matámos.

—Sim, ha uma pessoa que poderia denunciar-nos, replicou Nick; é Barnaby que está no quarto que Mary occupava.

—Estupido! para que has de tratar com esse homem? As nossas relações devem ser com muito poucas pessoas...

«Não sei porque receias que essa rapariga nos denuncie pelo passado; que suspeitas pode ella ter?

E dizendo isto approximaram-se da escada que dava para a entrada do quarto por baixo do armario.

Pela fechadura da porta dos trastes velhos, ponde Holmes vêr que o velho Wilson trazia uma lanterna na mão.

—Antes de começar o trabalho convem saber com certeza se os forasteiros dormem, disse Wilson filho.

E tendo o velho escondido a luz, assomou a ca-

bega pelas portas abertas do armario, dizendo Nick em voz baixa ao pae, logo que se lhe approximou:

—O quarto está muito escuro; signal que dormem.

«Pareceu-me mesmo que estão a resonar.

—Vamos vêr o que os criminosos fazem; disse Harry Taxon ao seu mestre.

Pouco depois notaram que desapareciam do corredor e da escada, deixando ali só a mulher. Pelo movimento que ella fazia com as mãos parecia que estava desatando alguma coisa.

Alguns minutos depois appareciam de novo pae e filho, desaparecendo em seguida este d'aquelle logar e subindo ao desvão, a julgar pelo ruido que fazia.

Os velhos parecia que esperavam que o filho voltasse ou lhes desse qualquer aviso.

D'ahi a pouco voltava, correndo, e dizia:

—Não ouviram nada? parece que alguém anda pelo telhado.

O velho ria, dizendo.

—Julgas que o feiticieiro se transformou em gato e anda pelo telhado?

—Pois que me enganem, se me enganai, disse Nick e subiu as escadas que conduziam ao desvão.

—Metteste medo ao rapaz? perguntou o velho a mulher.

«Parece que o susto o faz vêr e ouvir phantasmas no telhado.

«Ouço barulho, mas será n'outra parte.»

—Tambem eu, respondeu a mulher, parece que vem das escadas.

O velho não se enganava, porque era justamente nas escadas que o ruido se tinha produzido.

Logo que Nick Wilson subiu as escadas que conduziam ao telhado, abandonou Sherlock Holmes o seu esconderijo, dizendo para Harry:

—Estou desejando que o rapaz volte para pôr esta machina em movimento.

—Julgo que Nick, depois de se ter utilizado da machina para nos esmagar, o que certamente pensará, ha de vir vêr a sua obra e apoderar-se do nosso dinheiro.

—Entretanto que devo eu fazer, perguntou Harry, desejando ter os criminosos entre as mãos para os estrangular.

—Tu terás de haver-te com os dois velhos, o que não te será muito difficil.

«Mas parece-me ouvir barulho no telhado; suspeito que por ali andará o primo de Mary.

«O homem está certamente muito impaciente, e talvez tenha precipitado os acontecimentos.

«Receio, porem, uma surpresa.

«Se os criminosos quizerem fugir por causa do barulho que ouviam, não os deixemos lograr o seu intento.

Pouco depois voltava Nick, a quem o pae disse: —Era por acaso Barnaby?

—Não sei quem era, mas que alguém fez esse barulho, isso é fóra de duvida.

«Agora vou esmagar os nossos turistas.

E afastou-se para ir pôr em movimento umas rodas, caindo ao mesmo tempo um grande peso sobre a cabeceira da cama a julgar pelo ranger que n'ella se produzia.

Apenas se havia consummado o crime, conforme os paes de Nick Wilson julgavam, precipitaram-se estes para o quarto pela abertura do fundo do armario, ansiosos de observarem o resultado do seu trabalho.

Marido e mulher iam distraídos e alegres para verem os cadáveres ensanguentados dos seus dois hospedes, quando o velho sentiu que alguém o agarrava fortemente pelos braços.

Fez um rapido movimento para escapar das mãos do seu adversario, mas não poudo conseguil-o.

A mulher reposta do primeiro susto, lançou-se sobre Harry conseguindo libertar o marido das mãos do joven policia.

Harry viu-se seriamente comprometido n'este lance; tinha que lutar com os dois velhos que dispunham de mais força do que era de esperar dos seus muitos annos.

Antes que Harry se visse na necessidade de render-se ou de fugir, o que não lhe teria sido facil, foi Sherlock Holmes em seu auxilio.

Com este reforço os velhos não poderam deixar de entregar-se, empregando todavia grande resistencia, principalmente a mulher que, como uma fera encurralada, se defendia com os dentes, com os pés e com todos os meios que a sua desesperação lhe proporcionava.

Quando estavam quasi acabando de amarrar o homem e a mulher, Sherlock Holmes e Harry viram com surpresa e os criminosos com esperança e alegria, no meio da obscuridade, um homem que descia do tecto...

Era Roberto Bell, o primo de Mary. Receando este que dentro da casa estivessem mais criminosos e os dois policiaes se encontrassem em perigo, tinha saltado pelas paredes do jardim e d'estas para as janelas até chegar ao telhado pelo qual tinha penetrado na casa servindo-se das claraboias.

Fôra isto que produziu o ruído que tinha assustado Nick, o filho do dono da «Estalagem dos mortos».

O barulho que o primo de Mary tinha ouvido no desvão por causa da luta sustentada pelos donos do estabelecimento, fez com que julgasse que os seus companheiros estavam a braços com maior numero de

inimigos, e por isso, sem querer esperar mais tinha-se precipitado no quarto por aquelle sitio.

Sherlock Holmes e o seu companheiro e amigo Harry Taxon estavam já ligando os pés dois presos, quando, vendo que elles offereciam desesperada resistencia, os sujeitaram fortemente no chão.

O ruído que então se produziu, maior do que o que o havia precedido, fez crer a Nick Wilson que a policia tinha entrado no quarto dos assassinados.

Fortemente perturbado, sem se lembrar que podia observar tudo pelo buraco que estava sobre a cabeceira da cama, desceu precipitadamente a escada na direcção do armario.

Com fortes pontapés applicados na porta do armario, quiz alcançar a escada que conduzia aos subterraneos da casa, completamente desorientado pelo grande medo de que estava possuido.

Este ainda mais augmentou quando viu deante de si um homem com um revolver na mão, e n'elle reconheceu o americano mais velho.

Julgou Nick que era joguete de um sonho; caiu-lhe a lanterna da mão, e a luz que se extinguia poudo vêr o segundo turista tambem de revolver na mão.

Nenhum dos dois tinha a menor ferida na fronte.

Na sua fuga precipitada Nick deu um pontapé na mesa onde Harry tinha posto a sua lanterna electrica, caindo esta no chão e apagando-se.

A escuridão era profunda.

A desesperação e o aperto em que Nick se via, deram-lhe animo para fugir pela porta que estava aberta.

Ao transpol-a, vendo Sherlock Holmes e Harry que a sua presa lhes escapava, dispararam os revolvers contra os fugitivos sem que, felizmente para elle uma só bala lhe acertasse.

O criminoso armara-se tambem com um revolver e respondeu á aggressão disparando alguns tiros, um dos quaes feriu ligeiramente Harry Taxon em uma perna.

Este soltou um grito de dôr ao sentir a ferida, grito que fez dar uma gargalhada satânica ao malfeitor.

Antes que os policiaes pudessem perseguil-o, desapareceu Nick, como se fôsse perseguido por uma legião de demonios, pelo esouro corredor.

—O criminoso não nos ha de escapar, disse o genial criminalista correndo atraz do fugitivo.

Harry quiz seguir seu mestre que se dispunha a correr atraz do criminoso, mas por causa da sua ferida, não o poudo conseguir.

Fel-o em seu logar o primo de Mary, que já tinha acabado de amarrar os paes de Nick.

Roberto promptificou-se a seguir Holmes onde quer que fôsse e desapareceu pela mesma porta por

onde tinham passado o policia e o criminoso, em direcção do corredor.

Harry seguiu-os mais devagar.

Poucos minutos tinham passado, quando Roberto ficou parado deante de uma porta que se tinha fechado apenas Sherlock Holmes a transpoz.

Pouco depois chegava Harry.

—Estes canalhas encerraram-me aqui, dizia Holmes.

—Tenha um pouco de paciencia, mestre, em já a vou abrir.

N'um momento ficou aberta a porta, perguntando Harry admirado:

—Não acabou de dizer — canalhas — senhor Holmes, serão acaso muitos?

E o genial policia tirando a gazua das mãos de Harry, respondeu:

—Dois criminosos mais vieram em soccorro de Nick, e se não fôsem elles, o patife não me escapava.

«Pelo que pude vêr apesar da obscuridade, pareceu-me serem os dois ladrões de Londres que reconheci no pequeno restaurante de Lanarck em companhia de Nick Wilson.

«Os criminosos encerraram-me n'este quarto e deitaram a fugir, mas de nada lhes serviria.

«Ouvi que abriam a porta da casa e suspeito a direcção que tomaram.

Com a velocidade do raio se precipitaram Sherlock Holmes e Roberto pelas escadas, seguindo-os lentamente Harry Taxon.

Ao abrirem a porta viram um homem estendido no chão e todo coberto de sangue.

Era Barnaby.

Esta vista indignou Roberto Bell.

O feiteiro, levantando a cabeça, gritou com quant a força podia, dirigindo-se a Sherlock Holmes:

—Tomaram a direcção do cemiterio.

«Eram Nick Wilson e mais dois homens.

Sherlock Holmes, sem agradecer o aviso do feiteiro, começou a correr pelo caminho que conduzia ao cemiterio, seguido de Roberto e Harry que coxeava, afastando-se logo os tres da estrada real e dirigindo-se para o bosque que rodeava o cemiterio, para não serem observados pelos perseguidos, que sem suspeitar de nada saltavam os muros da habitação dos mortos.

—Vamos apanhar os criminosos, disse o genial policia aos seus companheiros.

«Tenho quasi a certeza que os encontraremos na cova de seu pobre pae, sr. Roberto.

Mary que estava á espreita em sua casa, logo que viu que os policia e seu primo saiam da «Estalagem dos mortos», foi ao seu encontro.

Brevemente se encontrou junto dos amigos de seu amo.

As palavras de Sherlock Holmes despertaram em Roberto Bell o desejo de que os criminosos sentissem o peso da justiça por terem arrebatado do seu sepulchro o cadaver de seu pae.

Socegou o o genial policia dizendo-lhe que os criminosos brevemente seriam presos.

Harry Taxon e Roberto Bell approximaram-se do portão de ferro, e puzeram-se detraz d'elle um quarto de hora em observação.

Passado este viram que os criminosos desapareciam, sem sair, porem, do recinto murado.

CAPITULO IX

Prisão dos criminosos

Quando Nick Wilson fugia pelo corredor depois de ter escapado das mãos de Sherlock Holmes e Harry no quarto d'estes, encontrou ao fim do corredor dois homens grosseiramente vestidos e com aspecto de facinoras.

—Wilson, disse um d'elles, que te aconteceu para assim fugires?

—Tudo foi descoberto e é preciso fugir d'esta casa, disse Nick.

Em poucas palavras lhes disse o que acontecera.

Compreenderam n'um instante os criminosos, de Londres a situação, e conheceram que os dois perseguidores só podiam ser Sherlock Holmes e o seu fiel ajudante Harry Taxon.

Decidiram por conseguinte abandonar immediatamente a «Estalagem dos mortos» e aproveitando a occasião voltar quanto antes para Londres.

Enquanto fugiam disse um dos ladrões:

—Ou muito me engano, ou eram tambem os mesmos aquelles dois homens disfarçados em montanhezes da Escocia.

Como já sabemos, os criminosos feriram o velho feiteiro, que foi encontrado estendido entre a porta, dando-lhe uma forte pancada na cabeça com uma bengala de ponteira de ferro.

Dirigiram-se precipitadamente ao cemiterio, pois era natural que ninguem suspeitasse que aquelle lagar serviria para occultar os criminosos.

Vendo que já passava bastante tempo sem se notar o menor signal de que no cemiterio nem nos arredores eram perseguidos, saíram sem desconfiança do seu esconderijo.

—Já sabia que era impossivel que os nossos perseguidores nos seguissem até aqui, disse rindo Nick Wilson.

— Creio que o mais seguro em vez de estar entre os defunctos, disse um dos criminosos, é ir á próxima estação do caminho de ferro e fugir quanto antes para Londres.

— Ha já meia hora que estamos entre caveiras e mortos, e respira-se aqui um cheiro terrível.

— Mas precisamos dinheiro, replicou outro... Tenho um pensamento... Os mortos pagarão a viagem.

— Vamos vêr onde estão os nobres mortos do outro dia; creio que estão na sepultura de Bell.

— Desconfio que ambos teem ainda algumas das suas joias.

Com ellas teremos o sufficiente para chegar á capital.

— Bem pensado, disse Nick.

E os tres criminosos dirigiram-se á sepultura de Bell na qual começaram a cavar para affastar a terra e roubar as joias dos defunctos.

Os criminosos ouviram porem algum ruido, puzeram-se a escutar, mas não puderam descobrir nada por causa dos ciprestes que encobriam os policiaes e Bell que se approximavam cada vez mais.

Alguns minutos depois ficaram altamente surpresos á vista de tres revólveres que os visavam ameaçadores.

— Puzeram-se então em desordenada fuga os dois ladrões, mas o montanhês Nick, conservando serenidade e sangue frio, tirou immediatamente o seu revolver disparando uma atraz outra, sobre os seus aggressores, todas as balas que a arma tinha.

— Alto! gritou Sherlock Holmes a Nick que tinha já esgotado as munições sem ferir ninguém.

Entretanto Harry Taxon e Roberto Bell tinham-se precipitado atraz dos fugitivos, que se preparavam para escalar o muro do cemiterio, na parte que deitava para o bosque.

O seu fim era alarmar todos aquelles que frequentavam a terrível «Estalagem dos mortos» e voltar ao cemiterio para prenderem os dois policiaes e Roberto Bell.

Quando os ladrões escalavam o muro, Harry e Bell agarraram lhes os pés e arrojaram-nos ao chão travando-se então uma renhida lucta, cujo resultado final foi terem que se entregar á descripção nas mãos dos seus perseguidores.

Amarraram-nos fortemente e o joven ajudante de Sherlock Holmes e o primo de Mary voltaram para junto do grande policia, levando adiante de si os seus inimigos vencidos e algemados.

Sherlock Holmes entretanto na sua desesperada lucta com Nick, tinha-o atirado ao chão, conseguindo por fim manietal-o.

A pallida claridade da lua ponde distinguir o ensanguentado rosto dos dois esposos lord e lady Haile, que os bandidos já tinham tirado do atalide.

Ordenou Sherlock Holmes a Roberto Bell que ficasse de guarda aos tres prisioneiros em companhia de Harry Taxon, enquanto elle ia procurar um trem.

Logo que o encontrou, foi á «Estalagem dos mortos» e metten n'elle o casal criminoso, dirigindo logo o vehiculo para o cemiterio indo os tres criminosos fazer companhia aos velhos dentro do trem.

Então ordenou Sherlock Holmes ao cocheiro que se dirigisse a Lanarek.

Logo que chegou á povoação, já quasi manhã, foi a casa de miss Claire dar-lhe a alegre noticia de que n'aquelle mesmo dia sairia Percy da prisão, pois já estavam presos os verdadeiros criminosos.

Louca de alegria ouviu a joven a narração do policia, derramando abundantes lagrimas.

N'aquelle mesmo dia Percy foi posto em liberdade e a Escocia e a Inglaterra souberam que o seu libertador era o grande policia Sherlock Holmes, que tinha tão habilmente descoberto os criminosos assassinos de lord e lady Haile.

FIM

Ler no proximo numero:

AMOR E ODIO

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nos suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos a vida contemporânea.

E tudar as aberrações a que as paixões desvaíram conduz m os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subordinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quizes os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a histeria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Devido seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- O Hysterica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussey
1 vol. com capa artistica 700 rs

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Mililarante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENE EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosura

II Chammus de voluptuosidade

III Moab, terra da luxuria

IV Pela senda do amor

V Beijo supremo

1 eleg. vol. em 8º com artistica capa

a 8 cores 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlén.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes :

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvar d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francs |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O seuredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas facanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume == Serie completa, 2.000 rs.

REIS

LIVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus

= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

c fotografuras de pagina + 3

= 600 reis

Colleccão Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arseneo Lupin, gatufo da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.).
2. O Homem Mysterioso, Guy de Tèramond.
3. O tumulto de gelo, Pierre Giffard.
4. Arseneo Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc.
5. Um grito na treva, Golsworth.
6. O Prisioneiro de Marie, G. Le Rouge.
7. O Club dos Ladrões, Henry A. Herring.
8. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arseneo Lupin) M. Leblanc.
9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard.
11. O Canhão do sonho, Paul d'Ivoi.
12. Qual dos tres grande romance policial, A. O. Green.
13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge.
14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton.
15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi.
16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Folvy.
17. 813. (Novas aventuras de Arseneo Lupin) por M. Leblanc.
18. Em Férias, por Henri de Régner.
19. O Palácio submarino, por Max Pemberton.
20. Um crime tenebroso, por A. Galopin.
21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol, in-4º, contendo a materia de um vol. grosso vol. in-8º, de 300 rs. 350

Dr. PEDRO GUERLIER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar
Como nos devemos curar

CC No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa CC A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina CC

Um volume 8º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

Collecção Galante Illustrada

EXPLENDIDOS ROMANCES DE AMOR

COM MÁGNIFICAS PHOTOGRAVURAS

A publicação mais barata de Portugal

Volumes publicados a 300 rs.

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Densa do amor, por Jean Valgorgne.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Témard.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosiidades imperiaes, por Guy de Témard.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugaes, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Témard.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Seréia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bucheantes, por Jean Gravingé.—XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgorgne.—XXIX—Vivvas ardentes, por Victor Joze.—XXX—Amantes femininos, por Adrienne Saintange.—XXXI—O conquistador de criadas, por Paul Perrin e Robert Francheville.—XXXII Os Espinhos do adultério por Victorien du Saussay.—XXXIII Ninhos d'amor por René Schwabél.—XXXIV Os que ellas fazem por F. Aubier.

Em preparação

XXXV—AS MANAS YACHETTE

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

Assumpto empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella :ma artistica 600 réis

Prazeres secretos do amor

peço dr. Jaff

grosso vol. ed. de luxo, 600 rs.

Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lançará dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela estrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila e Tchengis Kani Na

A invasão Amarella a partir das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inextinguivel sismo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs.

contendo sempre um episodio completo

Cada numero

rs. 60

Numeros publicados

1. O Rei do Pacifico. 2. O Phantasma do Oriente. 3. Em S. Petersburgo. 4. Em c-9 minho de ferro. 5. Sobre um vulcão. 6. Na zona interdita. 7. Anjo e demónio. 8. O Campo dos Supplicios. 9. Aventuras d'um reporter. 10. Illusões perdidas. 11. A vaga humana. 12. Amor louco. 13. O espectro do passe do 4. Supplicio d'am pa. 15. Missão terrivel. 16. A fuga para o C a pio. 17. A batalha russa. 8. Em Moscow. 11. Morte do ultimo Hohenzollern. 20. (o ultimo). De Berlin a Paris.

ESCOLA DO VICIO

romance realista

por

VICTORIEN

du SAUSSAY

Edição de luxo, n'um volume in-8º grande, 700 rs

A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

bem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES", o entrecho amoroso de que to na todos os episodios palpitantes e sentimento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drama os papeis mais simpas h e os que mais falam ao coração, soccas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

60 réis Cada numero contendo um episodio completo réis 60

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os derriches do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no A lantico. 5. O ataque a Nova-York. 6. A batalha aerea. 7. A lucta mundial. 8. A morte do principe Karl Albert. 9. (o ultimo) Epilogo d'uma tragedia